

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Tanusia dos Santos do Nascimento

O BIBLIOTECÁRIO E A DISSEMINAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL
AFRO-BRASILEIRA

São Paulo
2013

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Tanusia dos Santos do Nascimento

O BIBLIOTECÁRIO E A DISSEMINAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL
AFRO-BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de
Biblioteconomia e Ciência da Informação para
obtenção do título de Bacharel no curso de
Biblioteconomia.

Orientadora: Marcia Pazin

São Paulo
2013

N193b

Nascimento, Tanusia dos Santos de.

O Bibliotecário e a disseminação da literatura infantil afro brasileira/Tanusia dos Santos do Nascimento-2013

63 f.; 30 cm

Orientadora: Prof^a. Marcia Pazin

Coordenadora: Prof^a. Dra. Maria Ignês Magno

Trabalho de Conclusão de Curso (bacharelado) - Faculdade de Biblioteconomia e
Ciência da Informação- FESPSP- Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Também disponível em CD-ROM

1.Literatura afro .2.Literatura infantil. 3. Bibliotecário. 4.Identity. 5. Leitura

I. Título. II Pazin, Marcia

CDD 025.5

Tanusia dos Santos do Nascimento

O Bibliotecário e a disseminação da literatura infantil afro-brasileira

Conceito:

Banca Examinadora

Professor (a)

Assinatura

Professor

Assinatura

Professor

Assinatura

Data de Aprovação ____/____/____

AGRADECIMENTOS

A meus pais (in memoriam) a quem devo a estrutura de minha personalidade, quando me ensinaram a levantar todas as vezes em que cair;

A minhas filhas que me incentivam sempre a continuar estudando, mesmo com todas as dificuldades;

Aos meus sete irmãos, que juntos enfrentamos tantas dificuldades e estamos aqui, juntos.

A orientadora Marcia Pazin, que aceitou me orientar neste trabalho, com toda a sua dedicação e carinho;

Aos Professores da FESPSP que nos apoiam todos os dias com carinho, compreensão e paciência.

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que não se calam diante das injustiças, e que tornam suas vidas um exemplo, para que possamos acreditar que um dia tudo vai dar certo;

A todos aqueles que de uma forma ou de outra, lutam para que o preconceito de gênero, raça, classe social, sejam excluídos do cotidiano das pessoas, que sofrem com esses preconceitos.

“Força Vital”

O mundo é um conjunto de forças hierarquizadas, entre as quais circula uma energia, a força vital. Por práticas mágicas religiosas ela pode ser aumentada ou diminuída.

Kabengele Munanga

RESUMO

Dando continuidade ao processo que se iniciou em 2012, sobre religiões afro brasileira, este trabalho vem descrever as formas como o negro foi marcado por um rótulo inadequado ao seu perfil. Trata da importância da formação da identidade negra a partir dos estereótipos criados, e como a literatura infantil é importante para agregar valores à identidade das crianças negras. Do papel do bibliotecário para a colaboração no processo de disseminação da literatura afro-infantil, cujo trabalho é de importância fundamental na aquisição de materiais. A Lei 10.639, trata da importância do conhecimento da história dos negros vindo da África, e o propósito, é mostrar que o bibliotecário pode criar estratégias para a disseminação da literatura afro infantil, nas bibliotecas públicas, privadas e em espaços culturais para que essa história seja conhecida e divulgada.

Palavras chave: literatura afro, identidade, bibliotecário, leitura, literatura infantil

ABSTRACT

In dialogue with a process started in 2012, about Brazilian afro-religions, the present work describes the ways whereby the afro-Brazilian people were marked through an inadequate label regarding their profile. It deals with the relevance of afro-descendant identity, its construction through stereotype, in addition to how children's literature is important to add different values to the identity of afro-descendants kids. It also deals with the librarian role to collaborate with the dissemination process of afro-infant literature, which has a fundamental works within materials acquisition. The law 10.639 embraces the relevance of knowing the Africa's history as of its descendants, in the schools. The goal is to show how librarians can create strategies to disseminate the afro-infant literature, in public and private libraries, but also cultural spaces, to enable that this history is well known and published.

Keywords: African literature, identity, librarian, reading, children's literature.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	11
2-OBJETIVOS	13
3-METODOLOGIA	14
4-OS ESTEREÓTIPOS COMO BASE PARA A INFERIORIZAÇÃO DA HISTÓRIA DOS NEGROS	15
4.1- IDENTIDADE.....	17
4.2 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE.....	19
5-A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA.	22
6- A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA	25
6.1 Os LIVROS INFANTIS COM TEMÁTICA NEGRA.....	28
7- LITERATURA INFANTIL AFRO BRASILEIRA, O QUE O BIBLIOTECÁRIO TEM A VER COM ISSO ?.....	32
7.1 A IMPORTÂNCIA DA SELEÇÃO DOS MATERIAIS	36
7.2 AS VÁRIAS POSSIBILIDADES DE LEITURA	40
8- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	47
APENDICE	50

1- INTRODUÇÃO

A história das religiões africanas sempre foi um ponto de interrogação para muitas pessoas. Quando crianças, somos pegos escutando adultos advertindo- nos sobre a maldade que os cultos africanos podem proporcionar. O que aprendemos na escola sobre o continente Africano representa uma ínfima parte do que devemos conhecer. A proposta é ensinar apenas o básico, que seriam as fases da escravidão e da abolição. Não sabemos o significado de Exu, Oxalá, Macumba e outras histórias. Chegamos à idade adulta sem nos preocuparmos em saber a verdade. Evitamos o assunto, sem considerar as consequências disso aos envolvidos, quais sejam: a ocultação de toda a história de um povo e sua participação na formação da sociedade brasileira. Casamos, constituímos família, e todo o conceito de negro e sua história continuam a ser passados da mesma forma: o mínimo possível. Os medos continuam. Em alguns momentos surgiram caminhos para a aceitação na escola no trabalho, ou entre amigos, mas nem sempre foram exitosos.

O presente trabalho iniciou-se em meados de 2012 com o propósito de conhecer a origem das religiões africanas e o seu papel na formação das religiões no Brasil. Este tema, apesar de carregado de inúmeras restrições acadêmicas, interessou-me demasiadamente. A princípio surgiu um temor e preconceito. Para entender esse processo foi necessário navegar na história e memória estilhaçada dos negros escravizados trazidos de muito longe e carregando consigo muita força espiritual e luta. Ao conhecer essa trajetória percebemos como a imagem do homem negro liberto ou escravo foi estigmatizada e jogada ao acaso. Toda a sua cultura, religiosidade e costumes foram inseridos nesta imagem negativa. Existe o desconhecimento e o desinteresse, em vários segmentos da sociedade, em conhecer as origens daqueles que nos deixaram um legado fundamental para a formação do povo brasileiro tais como a música, a culinária, a religiosidade e a força da luta no trabalho, sobrevivendo à duras penas.

Com o caminhar dos estudos e interessada em identificar as marcas deixadas por essa imagem estereotipada, percebi que seria importante conhecer como surgiram os referenciais para a formação da identidade negra e como a literatura infantil afro poderia minimizar o preconceito com o outro reproduzido por crianças que frequentam o mesmo espaço de lazer e cultura. Dentro de um mesmo grupo, o outro representa o fenótipo diferente do padrão europeizado.

Um dos caminhos foi a pesquisa das políticas públicas que ampararam o negro em questões sociais, assim como a Lei 10.639/2003, relacionada ao ensino da cultura e literatura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas. A criação da lei, no entanto, não garante sua efetivação na realidade escolar, é imprescindível criar e vigiar. É sabido que a sociedade brasileira tem noção da existência da lei, mas até que ponto esse conhecimento tem sido amplamente levado à efetivação de melhorias na cultura e na identidade negra brasileira? Após o ano de 2003, quando da efetivação da lei, quantos cidadãos brasileiros terminaram o ensino fundamental e médio com o conhecimento dessa história? Quantos bibliotecários em seu papel de formador de coleções incluíram na seleção de materiais livros com a literatura negra? Livros na estante não significam conhecimento disseminado.

A lei 10.639-3, criada em Janeiro de 2003, vem proporcionar um caminho para a disseminação desta história, com a proposta de iniciar os estudos na fase escolar infantil. A criação de novos materiais literários afro-infantis representa um avanço e os mesmos devem ser utilizados. Os estereótipos que foram criados em volta do negro dificultaram a propagação das intenções da lei, fazendo com que profissionais apresentem resistência e dificuldade em trabalhar com essa temática. O preconceito às religiões de origem africana dificulta ainda mais o trabalho. As mesmas encontram-se presentes na história dos negros e devem ser trabalhadas nos livros infantis.

O trabalho desenvolveu-se seguindo à pesquisa sobre como surgiram os estereótipos relacionados ao negro e à sua religião. Em um segundo momento, observei a formação de sua identidade em concomitância aos estereótipos reafirmados cotidianamente e quanto este fator foi prejudicial em sua vida. A pesquisa foi se desenvolvendo para o panorama da literatura no Brasil no século XIX, em que o negro não está evidenciado e nem participa integralmente do desenvolvimento desta literatura formadora. No século XX, as produções passam a ter um enfoque diferente, voltando-se para a família e para o divertimento, porém esta mudança de perspectiva não trouxe uma maior visibilidade no negro na literatura.

Neste sentido, a Lei 10.639 proporciona oportunidades que devem ser observadas e usadas com a intenção de reparar todo o esquecimento e desvalorização da cultura negra no Brasil, além de proporcionar uma relação de respeito às diversidades étnico-raciais.

2-OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é verificar os caminhos para a disseminação da literatura infantil afro. Um dos caminhos encontrados foi a criação de legislação específica para a desconstrução dos estigmas atribuídos ao negro no Brasil. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 20 de Janeiro de 2003, alterou a lei 9.394 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

Torna-se imprescindível verificar como através da literatura é possível descrever os caminhos que foram percorridos pelos negros, disponibilizando esta história às crianças para que conheçam a trajetória dos negros e sua importância.

A partir dos conteúdos pesquisados, o trabalho também tem como objetivo descrever a forma como o bibliotecário pode colaborar para a efetivação da lei, seja através escolha dos materiais, seja no desenvolvimento de coleções para a inclusão destes materiais nas escolas, em centros culturais e em vários outros veículos que possam contar a história do negro, desconstruindo estigmas.

3-METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos foi realizada pesquisa bibliográfica em sites acadêmicos, livros, e revistas eletrônicas, para verificar os trabalhos existentes sobre as religiões afro, a literatura infantil e o bibliotecário como disseminador da informação. O objeto principal é a análise da literatura infantil afro e sua utilização.

Foi realizado pesquisa quantitativa com a seleção de 15 títulos de literatura infantil com temática negra, que constam em Apêndice neste trabalho, através de pesquisa no site da Prefeitura de São Paulo para verificar empréstimos. Este livros foram pesquisados em 44 Céus, 55 bibliotecas, e 15 pontos de leitura.

A pesquisa foi importante para permitir o estabelecimento de um paralelo entre o que está sendo lançado e o que está efetivamente sendo consumido em leitura pelas bibliotecas Públicas Municipais e verificar o panorama que é proposto pela lei 10639.

4-OS ESTEREÓTIPOS COMO BASE PARA A INFERIORIZAÇÃO DA HISTÓRIA DOS NEGROS

Em seu dicionário de Relações Étnicas e Raciais, Ellis Cashmore (2000) define estereótipo como termo derivado (...) de pintores de pratos de um molde (originalmente do grego *stéreas parasólido*). De acordo com o autor, a expressão refere-se a uma impressão mental fixa:

“Essa definição implica uma discrepância entre a realidade objetivamente discernível e a percepção subjetiva dessa realidade. No campo das relações raciais e étnicas, um estereótipo é frequentemente definido como uma generalização excessiva a respeito do comportamento ou de outras características de membros de determinados grupos (CASHMORE, 2000, p. 193).

Cashmore (2000) define a estereotipização como a generalização ao atribuir características a qualquer pessoa de um grupo, independente das diferenças entre os membros.

O crescimento da Europa ocidental começou em torno do século XV, período histórico das grandes descobertas. Nesta época ocorreram os primeiros contatos entre os ocidentais (brancos) e os negros africanos, apesar da África do Norte (Líbia, Tunísia, Etiópia) já ser conhecida pelos antigos greco-romanos. Neste momento, a transformação do negro em escravo representou uma estratégia econômica e política europeia. De acordo com a Convenção Americana sobre Escravidão [I (1), Genebra, 1926], a escravidão significa o status ou a condição de uma pessoa sobre quem todo e qualquer poder de propriedade é exercido. Essa condição envolve invariavelmente o trabalho forçado e não-remunerado da pessoa tida como propriedade e a sua exclusão “de qualquer tipo de participação política ou direitos civis” (CASHMORE, 2000, p. 188).

Algumas informações sobre a população negra eram provenientes das descrições do Historiador grego Heródoto. A partir das considerações feitas por Heródoto, formou-se uma imagem do resto do continente ainda desconhecido com clichês bastante desfavoráveis. Existia nesta época a teoria dos climas, em que temperaturas baixas ou altas tornavam o ser humano um homem bárbaro, em contrapartida às zonas temperadas que favorecem o desenvolvimento das civilizações. Nas descrições desta época, os habitantes do continente africano são apresentados como seres semelhantes aos animais. Esse conceito voltou na Idade

Média e no Renascimento, trazendo sempre o mito que fazia da África negra um mundo habitado por ‘monstros’, ‘semi-homens’ e ‘semi-animais’.

Em meados do século XV, os portugueses desembarcaram na costa Africana, atingindo, antes do fim do século, o Cabo da Boa esperança e a costa Oriental. Os aventureiros de outros países europeus - franceses, ingleses, alemães, belgas etcetera-, seguiram os portugueses nesta corrida e viram com seus próprios olhos, os povos negativamente descritos nos relatos dos antigos, com testemunhos oculares. Infelizmente foi retransmitida a mesma versão. A ideia de gente sem cabeça ou com ela no peito, com chifres na testa, ou com um olho só, gente com rosto de cão faminto e coisas do gênero dominava os escritos ocidentais sobre a África nos séculos XV, XVI, XVII. (MUNANGA 1986-p. 14)

Existiam várias diferenças físicas e culturais entre os negros do continente africano. Muitos povos tinham em comum a cor da pele, o cabelo, a forma do nariz, dos lábios, da cabeça entre outras características. A partir destes dados iniciais formou-se a imagem de um tipo físico do negro.

Em cima deste tipo físico distintas imagens sobre o negro foram configuradas e as diversas atribuições negativas receberam o amparo do discurso científico:

O fato de ser branco foi assumido como condição humana normativa e o ser negro necessitava de uma explicação científica. Uma primeira tentativa foi a de pensar o negro como um branco degenerado, caso de doença ou de desvio a norma. A pigmentação escura de sua pele só podia ser entendida pelo clima tropical, excessivamente quente. Logo isso foi considerado insuficiente, ao constatar-se que alguns povos vivendo no Equador, como os habitantes da América do Sul, nunca se tornaram negros (MUNANGA,1986, p. 15).

Uma das justificativas para a cor do negro foi tirada da natureza, como o solo, alimentação, água e o ar. Houve também a explicação religiosa, criada entre os hebraicos. A teoria explica que os negros eram descendentes de Cam, filho de Noé, amaldiçoado pelo pai. Na civilização europeia a cor preta configura uma mancha moral e física, morte e corrupção, e a branca significa vida e pureza. A igreja católica fez do negro a representação do pecado e da maldição divina. Em suas concepções a igreja sempre mostrou Deus como um branco idoso de barba e o Diabo um negro com chifrinhos e rabinho.

Durante a missão de evangelização dos negros, a igreja passou a pensar que a recusa dos negros ao cristianismo dava-se pelo fato de serem corruptos e de natureza pecaminosa. Muitos missionários eram incapazes de aceitar que esses negros tinham religião e, quando admitiam, usavam nomes pejorativos para descrever tal ritual. No período da escravidão,

os escravistas estavam interessados somente na força de trabalho dos africanos, mas jogados em porões de navios negreiros, esses escravos tinham, além de músculos, ideias, sentimentos, tradições, mentalidade, hábitos alimentares, rituais, canções, crenças religiosas, maneiras de ver a vida, e carregavam tudo em sua alma, porque quando foram arrancados de seus lares, lhes foi negado o direito de levar os seus pertences. Vindos da Nigéria e do Benin trouxeram as principais raízes dos cultos afro-brasileiros.

Um dos grandes portos de tráfico de negros ficava em Quida, onde os mesmos percorriam um caminho até o porto. Todo escravo para embarcar tinha que dar voltas em torno de uma árvore: a árvore do esquecimento. Mulheres davam nove voltas e homens sete. Com isso deduziam que os negros perderiam a memória e esqueceriam seus antepassados, suas origens. Mas os escravos não esqueceram nada, porque sempre que possível recriavam suas divindades. A desvalorização e a alienação do negro vão desde o corpo, a mente, o continente, os países, as instituições, a língua, a música, a arte, até as suas religiões. Apesar disso, felizmente, alguns negros continuaram a praticar seus cultos, transformando-se em guardiões do patrimônio cultural, legado de seus ancestrais e transmitindo de geração a geração esses conhecimentos.

4.1-Identidade

A escravidão dos negros representa o ponto inicial da sobrevivência e do crescimento da cultura afro-brasileira. Estima-se que mais de 3,5 milhões de negros foram arrancados de suas origens e traficados para várias partes do mundo. Vinham de diferentes países da África e com distintas religiões. Chegando ao Brasil eram distribuídos em variados locais para o trabalho. Vivendo em condições desumanas e imposições formais do catolicismo, as lembranças eram o único vínculo com humanidade que ainda existia em suas memórias. Principalmente as tradições religiosas negras, que eram mantidas às escondidas e permaneceram por mais de 400 anos.

O terreiro era o local onde os negros encontravam condições para recriar seus espaços simbólicos, recriar o mundo familiar e cultuar a religiosidade de origem africana. Dessa forma, as religiões se fixaram, se recriaram e sobreviveram no contexto brasileiro, representando um aspecto reforçador da cultura. É neste contexto que nasce o Candomblé, a Umbanda e a Quimbanda. A estrutura destas religiões está concentrada nas mãos dos pais e mães de santo, chamados de babalorixas ou ialorixás. O nome pai e mãe significa que os

adeptos aceitam uma segunda educação. A figura de pai e mãe do pai de santo é extremamente acolhedora, fazendo com que as pessoas se sintam em casa. E era desta forma que os negros se sentiam. Estes fatores muito contribuíram para que a liberdade de expressão dos cultos de origem africana fossem ocultados e desarraigados de suas origens.

Toda religião tem um ritual simples ou complexo e as religiões africanas são baseadas majoritariamente em rituais nos quais a experiência mística é vivida em toda sua intensidade. O que marca as religiões afro são as experiências de contato com divindades, elemento que preconiza um entendimento errôneo por parte de outras religiões. Existe um desconhecimento acentuado das religiões gerando intolerâncias, agressões e a criação de nomes pejorativos às pessoas que a elas de dedicam.

A cultura afro-brasileira é originária da cultura africana no Brasil, mas tem influência das culturas portuguesa e indígena. No Brasil estas influências perpassam a música, os instrumentos musicais, a culinária, a religião, etc. Desde o século XV, quando se iniciou a ruptura dos negros com o seu território de origem – a África, a imagem destes e de seus métodos de culto às divindades foram configuradas com muito temor e desprezo, fazendo-os sentirem-se como seres menores.

João do Rio, cujo nome de batismo é Paulo Barreto, pele parda, repórter e cronista, foi o responsável pela publicação de reportagens no Jornal Gazeta de Notícias no Rio de Janeiro. Nelas, ele descreve suas impressões sobre os cultos africanos no início do século XX. Suas reportagens refletem um grande preconceito e enorme ausência de conhecimento das religiões de origem africana. (ZIBORDI, 2009, p. 275). Completamente equivocado, ele usa um informante para mexericar e trazer informações reproduzidas em seus textos. Sua ignorância em relação às religiões afro-brasileiras fez escola. Um dos seus equívocos grandiosos foi relacionar Exu ao diabo, sendo que na mitologia africana esse orixá relaciona-se à força da criação e tem um papel de destaque. Exu atua como mensageiro entre os mortais e os Deuses. Nada pode acontecer sem o trabalho dele. Tudo ele ouve e transmite, seu poder é sem dimensões, ele é um gênio travesso. Pode-se comparar Exu com Hermes, o Deus grego que era conhecido como Mercúrio pelos romanos. “Com sandálias aladas, Hermes era o mensageiro dos Deuses, patrono do comércio dos ladrões e da eloquência – características bem próximas a Exu” (PRANDI, p. 18).

Paulo Barreto é apenas um dos percussores deste equívoco. Nosso imaginário está acostumado a fazer associações às noções transmitidas de gerações para gerações. E foi por

gerações que estereótipos como aqueles criados por João Barreto, firmaram-se de tal forma que perduram até hoje. O negro a cada dia sentiu-se inferiorizado, passando essa insegurança aos seus filhos, deixando muitas sequelas até os dias de hoje.

4.2 A formação da identidade

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, a luz do modo como percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornam importantes para ele (ERIKSON, 1972, citado por MARIOSA, 2011, p. 46).

Os referenciais que recebemos são de suma importância para a formação da identidade. Somos fruto do meio que nos cerca e nossa infância é a parte mais importante de todo o processo, refletindo aquilo que somos na idade adulta. Após passar por julgamentos e discriminações por vários séculos, a identidade do negro tornou-se frágil.

A discriminação racial e a inferiorização do negro são pontos de discussão na sociedade brasileira, na qual o negro sofreu e sofre com o resultado de toda esta discriminação. Muitos estudos têm revelado que crianças negras e brancas desde bem pequeninas convivem com conflito relacionado à identidade étnico racial. Observa-se que crianças negras demonstram inferioridade, e crianças brancas uma superioridade, havendo casos de preconceito em relação às crianças negras.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (Brasil, 1998), a baixa autoestima de uma criança se deve à confiança que lhe é dada. Os referenciais que uma criança recebe são importantes para a sua formação, sendo imprescindível reconfigurarmos as práticas educativas para que possamos destacar as questões étnicas raciais.

As histórias infantis existentes, em sua grande maioria, trazem heróis que não condizem com a realidade da história dos negros. Esses personagens foram importados de outros países com adaptações a nossa cultura. Temos que nos orgulhar de nossas tradições, porque é o que nos faz conhecer a história de nossa cultura, dos nossos antepassados. Para isso precisamos ter a iniciativa e ser um incentivador deste processo.

Os negros sempre foram estereotipados, julgados de forma a subestimarem sua capacidade. Por não serem estimuladas a conhecerem suas origens, as crianças passaram a criar seus referenciais a partir de uma imagem que não condiz com suas origens. Hoje existem escritores que escrevem e buscam um espaço na literatura para diminuir a distância entre o conhecimento e a ignorância. Na escola, as políticas públicas e ações culturais são, com certeza, um meio de mudarmos esse perfil. As bibliotecas públicas escolares podem ser utilizadas para reavaliar e promover o conhecimento da literatura afro infantil, tão rica e não conhecida. Essa história pertence a todos nós e deve ser de interesse coletivo sua promoção e conhecimento.

O Brasil é um país em que menos de 50% de seus habitantes se autodeclararam como negros, conforme demonstra o Censo de 2010. Essa realidade se justifica pela falta de sentimento de pertencimento do negro à sua etnia. Estes não se auto declaram, justificando para si mesmos que não são de fato negros, assimilando a ideia de que quanto menor a pigmentação da pele, mais distante de sua etnia eles se encontram. Ouve-se comumente as afirmações: “mas... você não é negro”. Na realidade, o negro acabou assimilando esse conceito, e criando o mito de que a união matrimonial com o branco o faria se sentir incluído e respeitado. Não está em questão a união entre branco e negros, mas o caminho utilizado para ser aceito. A ascensão social, as oportunidades de melhoria de vida tornaram-se tão difíceis que o negro acabou acreditando que não haveria outra forma de ascender.

O processo de negação vem desde a infância e enraíza-se na idade adulta, permanecendo assim até o fim dos dias. O negro precisa conhecer suas origens para entendê-las e não negá-las para si e para os seus filhos. A aceitação de suas características fenotípicas deve ser passada de geração a geração, fato que infelizmente ainda não aconteceu até os dias de hoje. A abolição da escravatura não foi nada menos do que uma nova escravidão, em que impera a subserviência à um sistema classificatório etnocêntrico que os caracteriza como inferiores. Para os estudiosos, os negros talvez exagerem, mas quem pode falar de escravidão, negação, racismo é o próprio negro. A história dos negros poderá ter um futuro melhor, caso exista interesse e vontade não só de criar leis, ideias, mas de fazer com essas leis sejam cumpridas. O Amparo legal é um grande aliado.

O desenvolvimento da identidade dos negros está fortemente ligada às suas manifestações culturais, religiosas e artísticas. É necessário partir da premissa de que o que foi negado pode ser redescoberto. A sociedade brasileira caminha lentamente para a prática da

lei. A cultura negra e seus ancestrais fazem parte do desenvolvimento de todos os países que receberam povos vindos da África. Assumir sua identidade não faz do negro um divisor na convivência entre brancos e negros, apenas o faz ter conhecimento de suas origens e se amar.

Após a Segunda Guerra Mundial, foi publicado o estudo denominado *The Authoritarian Personality*, elaborado por Theodor Adorno, et al., onde chegaram à conclusão que certas pessoas são preconceituosas porque os seus preconceitos vão ao encontro de algumas necessidades ligadas a sua personalidade. Adorno e seus colaboradores vincularam o desenvolvimento da personalidade às experiências no início da infância. Muitos associaram o preconceito como questão de aprendizado: “as pessoas tomam para si os preconceitos contra determinados grupos manifestados por outras pessoas com as quais se identificam, que pode ser os próprios pais ou colegas.” (CASHMORE, 2000).

“Os estudos apontam para situações em que crianças negras estão em desvantagem, pois são as que mais vivenciam situações desagradáveis em suas características físicas”. (BENTO, 2011 p. 09). Mas as crianças brancas recebem fortes informações da valorização de sua constituição física. É nesta fase que ela se questiona, fazendo perguntas sobre o seu cabelo, sua cor da pele. É nesta fase que podemos perceber quão negativa foi a imagem do negro criada pela sociedade ao longo dos séculos. Nenhuma criança deseja ser comparada ou identificada a algo que acha feio ou ruim. Ser informada que sua cor de pele é diferente da cor de pele dos seus amigos, afeta sua autoestima e autoconfiança. Não surte o mesmo efeito caso fosse comparada às histórias infantis, Branca de Neve ou Chapeuzinho Vermelho. Qual literatura infantil negra com estereótipo bonito e bom as crianças negras tinham para se identificar? O destaque para heróis negros nas histórias infantis ou infanto-juvenis era nulo.

Uma criança de 03 anos olha para outra e diz: “você não pode beber água aqui, porque os seus ossos são pretos”. Uma criança não traz um conceito deste se em seu ambiente familiar este preconceito não existe. Se a auto estima for baixa e ela ouvir uma frase como esta, como ela irá se sentir? Talvez não expresse nenhuma reação no momento, mas com certeza isso vai refletir em seu comportamento no futuro. Se sentir forte, amado, e gostar do que vê no espelho é importante para a autoestima do ser humano. Joga-se no negro a culpa pelas consequências da desigualdade social econômica e cultural. A verdade está em toda a sua história.

A respeito do preconceito racial, existe a crença de que o mesmo não faz parte do cotidiano da educação Infantil, que não existem conflitos entre crianças por conta de sua cor de pele, e que nesta etapa do crescimento, existe a cordialidade, e sempre é defendida a ideia da felicidade escolar.

Estudos mostram o contrário desta linguagem. Trabalhos que tratam das relações raciais na faixa etária de 0 a 06 anos, apontam as diversas situações de discriminação que envolvem crianças, profissionais da educação e famílias. Estes estudos provam que na educação infantil não existem problemas raciais (CEERT, 2012).

5-A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA.

E importante manter em mente essas limitações do valor explanatório do conceito de cultura ao considerar o seu uso no campo da educação. Argumenta-se que o currículo das escolas deveria ser revisto para que essas instituições contribuíssem no máximo na preparação das crianças para a vida num mundo multirracial e numa sociedade que inclui grupos que se distinguem por raça, etnia, e cultura.

Ellis Cashmore

No início do século a literatura infantil tinha função formadora, como descreve ZILBERMAN & LAJOLO (1986) no livro *Um Brasil para crianças*, apresentando modelos de comportamento com a finalidade de reforçar os valores sociais vigentes. A literatura infantil contemporânea traz um novo conceito de texto escrito, aberto a diversas leituras, questionamentos e reflexões.

Para Castro (2013) a aprendizagem da leitura, possibilita a emancipação da criança e a assimilação dos valores da sociedade. A estética proporcionada pelo livro, leva à insatisfação e faz surgir o desejo de mudança e de uma vida diferente. Na atualidade, a literatura infantil tomou uma dimensão importante. É através das histórias que se conhecem outras maneiras de viver, outros lugares, outros tempos e muito mais. Quanto mais cedo a criança conhecer os livros, maior é a probabilidade de se tornar um adulto leitor. Quando bebê, a criança tem a compreensão daquilo que o cerca através dos primeiros contatos. Sons, odores, o toque, o paladar, são a base de apoio de conhecimento que o ajudarão no futuro a aprender a ler. Porém, a leitura implica auxílio de outras ferramentas necessárias para a compreensão da leitura.

Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, um bom “causo”, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa (CASTRO, 2013, p. 2).

Desde bebê as crianças têm em suas vidas contato com as narrativas, através da cantiga de ninar, dos acalantos, que mais tarde dão lugar às cantigas das brincadeiras. As crianças bem pequenas demonstram interesse por histórias, batendo palmas, ou imitando algum personagem. Dentro do seio familiar as crianças têm seu contato com um texto quando seus familiares, pai, mãe avós ou outros, contam-lhe variados tipos de histórias. A criança adora ouvir sobre ela própria, por exemplo, como nasceu, como a mamãe a teve e outras histórias. Quando cresce ela própria as escolhe.

As crianças filhas dos escravos eram retiradas do convívio familiar. A mãe voltava ao trabalho em três dias e muitas crianças morriam por desnutrição. As que sobreviviam quase não conviviam com seus pais. Deste modo, muito dificilmente poderiam ouvir histórias sobre o seu nascimento. Essas histórias em que é descrito o nascimento, a história da família são narrativas reais extremamente importantes para a criança estabelecer sua identidade e compreender melhor as relações familiares. Outro ponto importante é que quando a criança ouve as histórias estabelece um laço de carinho com quem está a contando. Ouvir uma história, agarrado a quem se ama é compartilhar um sentimento e uma experiência gostosa, para descobrir o mundo dos livros e das narrativas.

O prazer de imaginar coisas surge quando as crianças passam a se interessar por ler contos de fadas, contos maravilhosos, poemas, ficção. A criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência de vida, passando por várias fases de desenvolvimento, descritas como: pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente, leitor crítico. Para efeito deste trabalho, interessam-nos as duas primeiras fases do desenvolvimento da leitura.

O pré leitor está na faixa dos 15 meses aos 03 anos. Nesta fase a criança começa a reconhecer tudo que está à sua volta, procurando tocar tudo e adquirir o uso da linguagem. Os adultos podem estimulá-la oferecendo brinquedos e nomeando-os. Aos dois aninhos a criança começa a se interessar pela comunicação verbal, passando a gostar de atividades lúdicas. “Nesta fase, os livros adequados devem apresentar um contexto familiar, com predomínio absoluto da imagem que deve sugerir uma situação. Não se deve apresentar texto escrito, já que é através da nomeação de coisas que a criança estabelecerá uma relação entre a realidade e o mundo dos livros (ABRAMOVICH, citado por CASTRO, 2013, p. 5).

O leitor iniciante está na fase dos 6 aos 7 anos. Nesta fase o adulto é um importante mediador e estimulador, porque este leitor é difícil de ser conquistado e precisa de elementos que mantenham sua atenção.

Os livros adequados nesta fase devem ter uma linguagem simples com começo, meio e fim. As imagens devem predominar sobre o texto. As personagens podem ser humanas, bichos, robôs, objetos, especificando sempre os traços de comportamento, como bom e mau, forte e fraco, feio e bonito. Histórias engraçadas ou que o bom vença o mal/atraem muito o leitor nesta fase. Devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar o querer e o sentir (CASTRO, 2013, p. 5).

A Educação Infantil, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), é a primeira etapa da educação básica que compreende a fase dos 03 anos e 11 meses e a Pré escola – com duração de 02 anos. Nesta etapa do desenvolvimento da criança tem destaque os itens 5 e 6:

5. Uma definição de currículo

[...]Tais práticas são efetivadas por meio de relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e as outras crianças, e afetam a construção de suas identidades.

6. A visão de criança: o sujeito do processo de educação

. [...]Nesse processo é preciso considerar que as crianças aprendem coisas que lhes são significativas quando interagem com companheiros da infância, e que são diversas das coisas que elas se apropriam no contato com os adultos ou com crianças já mais velhas. Além disso, a medida que o grupo de crianças interage são construídas as culturas infantis.

6-LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

A história da leitura é longa e interessante, mas não será descrita aqui, por ser merecedora de um trabalho de pesquisa intenso. O que nos cabe é descrever de forma simples sua importância. Fischer (2000) relata detalhadamente o processo de passagem da literatura oral para a escrita escrevendo:

Os gregos leem desde 2.000 A. C. A leitura em sua forma verdadeira surgiu quando se começou a interpretar um sinal pelo seu valor sonoro isoladamente em um sistema padronizado de sinais limitados. Textos completos e não palavras, podiam nessas circunstâncias, ser transmitidos, o que significava que a leitura deixava de ser uma transferência um a um (objeto para palavra), para se tornar uma sequência lógica de sons que recriasse uma linguagem natural humana. Em vez de se lerem imagens, lia-se, desse modo, linguagem. O sinal tornou-se som (FISCHER, 2000, p. 15).

A literatura infantil leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos, com prazer e significação. O conhecimento que ela proporciona é criador e questionador, e é capaz de transformar um indivíduo em um sujeito ativo, crítico, responsável e atuante na sociedade. Os negros e sua prole não tiveram esse benefício.

Fischer (2000) descreve a dificuldade dos negros para acesso à leitura quando em 1660, no primeiro ano do Rei Carlos da Grã Bretanha e Irlanda, foi decretado que todos os fazendeiros que tivessem fazendas na Grã Bretanha, deveriam ensinar a todos os que trabalhavam em suas fazendas o ensino cristão, inclusive aos escravos. A elite colonial da América do Norte e do Caribe protestou alegando que aqueles que sabiam ler a bíblia eram uma ameaça. Quem lesse a bíblia poderia aprender a ler outras coisas e assim passariam a ser desobedientes. A leitura era uma dádiva perigosa. Sendo assim os proprietários de terras ignoraram o decreto e muitas gerações de escravos ou libertos foram mantidas analfabetas pelos senhores. Punições diversas eram aplicadas àqueles que fossem pegos ensinando a leitura e a escrita aos africanos e aos filhos deles. Os negros pegos poderiam ser enforcados.

Apesar disso os negros encontravam uma forma de aprender a ler às escondidas e a ensinar os seus companheiros. Nos Estados do sul dos Estados Unidos, existiam leis rigorosas que proibiam os negros escravos ou libertos, a ler e a escrever. Agiam como a Grã Bretanha. Essas leis permaneceram em vigor até a derrota do Sul, em 1865. Os negros eram intimidados, mas encontravam brechas para aprender com os negros já instruídos. O ambiente

era sempre carregado de medo e havia o resguardo de um com o outro. Fazendeiros brancos que flagrassem um negro ensinando outro não hesitavam e o enforcavam. A bíblia foi o livro de leitura dos negros escravos.

A literatura infantil brasileira surge no final do século XIX. Anterior a este período a utilização de livros era escassa e comumente representada por livros portugueses. Aos poucos estas publicações foram substituídas por livros com traduções de Carlos Jansen, nascido em Colônia na Alemanha. Ele foi o primeiro a publicar um livro infantil no Brasil tendo traduzido e adaptado clássicos para a juventude como ‘As mil e uma noites’, ‘Dom Quixote’ e ‘Robinson Crusoe’, além de vários contos dos Irmãos Grimm (ZILBERMAN; LAJOLO; 1986. p. 15). Nestas publicações, não localizamos nenhuma referências a personagens negros.

Com a abolição da escravatura, o Brasil passa por várias situações e tenta impor uma imagem de um país em modernização. A vinda de imigrantes e o crescimento da população deram uma nova paisagem à cidade. Uma nova estrutura administrativa surge e com isso um novo público consumidor de livros infantis e escolares, dois temas que são fortalecidos pelas campanhas de alfabetização, aos quais os intelectuais, políticos e educadores fazem parte. Nesse período, começam a se estreitar os laços entre a escola e a literatura, tornando necessário o domínio da língua escrita por parte da criança. Este se tornou o novo papel da escola. Porém, as crianças negras não tinham acesso nem à escola e nem à escrita.

O projeto de modernização sociocultural viabilizou o surgimento da literatura infantil, na transição do século XIX para o século XX. Nesse momento, permanecem histórias contadas como a forma anterior, de forma errônea, e as superficialidades das alterações promovidas em nome do progresso explicam o caráter conservador deste gênero. Esse caráter conservador é atribuído a um modelo com conhecimento e qualidades morais com um objetivo socializador da escola, e que mesmo à revelia ela se insere nos padrões inspirados nas traduções e adaptações de clássicos europeus. Em termos de linguagem, o projeto teve bons resultados (ZILBERMAN; LAJOLO; 1986).

A literatura infantil muda facilmente para um instrumento de difusão das imagens de modernidade que o País precisa, utilizando as classes dominantes, as classes médias ou aspirantes a ela. A literatura infantil faz entrar para o seu público o culto cívico e o patriotismo. A literatura de referência utilizada como verdadeiras cartilhas de nacionalidade são inspirados em modelos estrangeiros. Um dos exemplos é o Livro “Le tour de lá France par deu garçons” (A turnê de meninos pela França) publicado em 1877. Este livro é a fonte de

aprendizagem da leitura da escola média da III República. Com grande sucesso chegou a uma tiragem de 7,4 milhões de cópias em 1914 e foi utilizado até a década de 1950. Um livro patriótico para a educação cívica, científica, histórica e moral. O livro é escrito para proporcionar as crianças elementos vivos. Os 121 capítulos descrevem todas as atividades do país: agrícola, industrial, comercial ou de ofício, evocando os grandes homens e os feitos gloriosos da História da França, e defendendo o trabalho moral, a economia e a disciplina social. Uma passagem famosa do livro faz a divisão da raça em quatro: branco, amarelo, preto e vermelho. A raça branca é sempre chamada de a mais perfeita.

Conforme afirma Jovino, estamos acostumados a “conhecer a literatura sempre a partir de um referencial europeu. Fomos acostumados às diversas adaptações de contos de fadas, como Cinderela, Chapeuzinho vermelho, Joãozinho e Maria, Branca de Neve ou às diversas histórias do livro *Mil e uma Noites*” (JOVINO, 2011, p. 182).

A década de 1920 é marcada por vários movimentos com reivindicações, e foi vista como uma época de preparação para a revolução que explode nos anos 1930, e brinda a representação no poder por setores insatisfeitos mais fortes. O primeiro livro com personagens negros surgiu em 1921, no livro *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato. Com uma tímida imagem Tia Anastácia aparece no livro, como personagem, mas sem destaque no contexto da história.

Lajolo (1986) descreve a literatura nos anos 1940 como aquela em que reflete os elementos relacionados à vinda de produtos industrializados ao Brasil. Diferentes tendências artísticas configuram a literatura desta época. Surgem novos autores valorizando formas literárias mais acadêmicas e uma linguagem poética e menos coloquial.

A partir dos anos 1960 a literatura infantil é beneficiada por legislações que recomendam sua adoção, ele se torna parte importante nas salas de aula. É criado inclusive um acervo nas escolas.

Em 1970, a literatura infantil passa por uma revalorização, ramificando-se por vários caminhos da atividade humana, dando valor à aventura, à escola, ao esporte, às brincadeiras e à família.

Nos anos 1980 a forte tendência era a quebra da imagem exemplar de criança obediente e passiva, e substituída pela criança capaz de rebeldia, e de romper com as regras

do mundo dos adultos, indo em busca da liberdade de expressão e pensamento. Essa é uma forte tendência dos anos 70/80.

5.1 Os livros infantis com temática negra

Os livros e a oralidade são duas formas das crianças entrarem em contato com as histórias. As histórias infantis existentes em sua grande maioria trouxeram heróis que não condizem com a realidade da história dos negros. Esses personagens foram importados de outros países com adaptações a nossa cultura. Temos que nos orgulhar de nossas tradições, porque é o que nos faz conhecer a história de nossa cultura, dos nossos antepassados. Mostramos as crianças quando lemos um livro um pouco da história do mundo. Quando lemos passamos a ideia do autor para o ouvinte, seus sentimentos e todo o contexto que ele desejou informar.

Crianças pequenas gostam muito de ouvir histórias, sejam lidas ou contadas, e a África é um imenso continente, com mais de 50 países, com grandes variedades e diversidade política, econômica, social, cultural e linguística que deve ser inserida no mundo infantil. Conhecer sua amplitude é importante para romper com a difusão da ideia de um país único com habitantes de uma só origem. O Egito, que desperta admiração e o desejo de saber mais, está localizado na África. E foi deste continente que surgiu parte da população brasileira, o que significa que somos em grande parte formados por povos africanos (CEERT, 2012, p. 41)

As historinhas infantis contadas e recontadas não trouxeram imagens da mitologia africana que uma criança brasileira possa se recordar. Se ambas as partes se sentirem bem com suas características, se sentirem bem consigo mesmas, haverá respeito entre ambas. Se não levarmos em consideração que a identidade da criança é constituída em muitas fases, e que duas características contribuem de forma decisiva no processo de sua formação – a relação que se estabelece ao grupo que ela pertence e a relação estabelecida com o seu próprio corpo – não poderemos criar uma nova história, principalmente se, somando-se a estes, ainda ignorarmos que a etnia é um componente importante no processo de construção da identidade não criaremos uma nova história. (BENTO, p. 09).

A inclusão da história dos negros não pode ser vista como um fato isolado, mas sim um elemento que atinge toda a sociedade. A partir da inclusão nas aulas de história e geografia, o próximo passo é mapear as ramificações, e trabalhar o após.

Nesse sentido, o bibliotecário pode trabalhar os vários suportes para a disseminação da literatura afro-infantil, podendo utilizar-se de vários recursos objetivando um trabalho de pesquisa minucioso neste campo. Uma das ferramentas refere-se à escolha dos materiais adquiridos periodicamente nas bibliotecas. É importante que a escolha seja direcionada para a aquisição de materiais que irão beneficiar a prática da igualdade racial. Tem-se estudado várias práticas pedagógicas para a inclusão dos temas raciais na idade infantil escolar, e uma das práticas com várias argumentações e pesquisas concretas é o uso da literatura – seja de forma oral ou em textos lidos.

Segundo Duarte (2008), o que configura o texto literário afro é a temática. Essa temática pode contar tanto a história do sofrimento dos negros quando foram retirados forçosamente da África, quanto a glória dos heróis como Zumbi, Ganga Zumba entre outros. Alguns livros denunciam a escravidão, outros falam dos feitos gloriosos dos grupos de escravos. São autores empenhados em reconstruir a memória das lutas do negro escravizado. Estes textos são por demais importantes porque criam uma discussão frente aos textos que trabalham para que esta história de luta seja apagada. A temática é fundamental para o fortalecimento da literatura afro- brasileira.

Para Duarte (2008) os textos literários com essa temática são importantes quando contam a escravidão ou quando falam da cultura para além do domínio dos escravizadores. É com temática do sofrimento, das lutas e dos mitos, que literatura tem que ser fortalecida. Quando a temática negra é descrita traz à tona as tradições africanas em toda sua complexidade e riqueza dos mitos e lendas de um povo. Negros escritores não estão obrigados a escrever apenas sobre negros, o que causaria uma literatura isolada, mas por outro lado não deveria estar fora da escrita dos brancos. Existem autores negros que não querem para si explorar temas que se referem às suas origens, preferindo outras temáticas.

É preciso ter cuidado para que fatores como cor da pele e a condição do autor não interfiram no julgamento de seus trabalhos. A linguagem é a diferença que dá ao texto a visibilidade à afro-brasilidade, trazendo à tona ritmos, palavras, sinais e símbolos para fazer com que pessoas possam atribuir um novo significado através dos acontecimentos que fizeram a história do negro. Termos como, crioulo ou mulata, são nomes pejorativos

carregados de preconceitos, mas que fica na cordialidade, o que deixa claro o racismo à brasileira. Os encontros que acontecem nos dias 13 de maio e 20 de novembro, as rodas de poesia, os saraus literários, o rap, são expressões que marcam a presença da literatura e a identificação dos negros com suas origens e no crescimento de sua autoestima (DUARTE, p.19).

Segundo Silva (2011) houve mudanças nos programas educacionais para que, a cultura africana e afro-brasileira seja aplicada nas escolas públicas e privadas de todo o País. O mercado editorial brasileiro mostrou-se ativo com esta questão, publicando uma quantidade significativa de itens com esta temática. Apesar de haver um aumento no volume de publicações, é necessário analisar a linguagem e a estética para se criar um acervo de qualidade.

Silva (2011) diz que literatura infantil é vista como uma literatura pequena em contrapartida da literatura clássica, algo sem muitas expectativas ou motivo de preocupações. Existem três eixos da literatura infantil analisados por SILVA (idem) que possibilitam a inclusão desta literatura no mundo infantil: os livros informativos, que são denominados livros paradidáticos; livros griôs, que demonstram a importância dos africanos na tradição oral. Estes representam guardiões e guardiãs, responsáveis por recriar a memória dos fatos e feitos de seus antepassados. Na tradição oral africana, o que você conta, a sua palavra, é o que vale. Isso demonstra o significado da palavra na cultura africana. Para a cultura africana a palavra tem um grande poder de ação. Ignorar a palavra é considerado muito grave. Os denominados griôs são como contadores de história e podem ser poetas, músicos, dançarinos, estudiosos, mestres, conselheiros.

Tal é a importância da palavra na África que existe um papel específico desempenhados pelos profissionais da tradição oral- os griots - pessoas que tem o ofício de guardar e ensinar a memória cultural da comunidade. Eles armazenam séculos e mais séculos de segredos, crenças, costumes, lendas e lições de vida, recorrendo a memorização. Existem mulheres que exercem essas funções conhecidas como griotes. A tradição oral pode ser vista como uma cacimba de ensinamentos, saberes que veiculam e auxiliam homens e mulheres, crianças, adultos/as velhos/as a se integrarem no tempo e no espaço e nas tradições. (SOUZA, SOUZA, 2008, p.155).

Os livros griôs, segundo o autor, aproximam-se do método para compreensão da cultura africana e dos elementos culturais, lendas e mitos, porque tem a capacidade de trabalhar com os contadores de história do continente africano. No conhecimento dos mitos

africanos existe um constrangimento por estarem presentes a expressão das religiões afro-brasileiras, provocando discriminação e receio em se reproduzir isto na literatura infantil. Na sociedade atual, o papel cumprido pelos griôs tem sido transferido para os livros. As histórias antes contadas oralmente, hoje são transferidas para os livros infantis.

Além dos dois primeiros, há os livros literários, que tem a prioridade de divertir, apresentando narrativas com diferentes linguagens, quais sejam: a verbal que pode ser oral ou escrita; a visual que se utiliza de imagens; a gestual que é feita por meio de gestos. Estes três eixos levam ao conhecimento e a preservação do universo cultural africano.

Silva (2011) argumenta que houve mudanças nos setores sociais e a literatura infantil não poderia estar fora desta mudança. Para que a literatura afro-infantil brasileira seja entendida é preciso usar técnicas arrojadas, textos ilustrativos para que a visão dos leitores crie outras dimensões em referência a este segmento de leitura. Não bastam apenas autores com boas intenções, desprovidos de preconceitos, propostas formais e linguagem perfeita, quando no discurso da literatura não exista a dimensão necessária, a história dos personagens negros, os valores e os ideais.

7-LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA: O QUE O BIBLIOTECÁRIO TEM A VER COM ISSO?

A proposta “Pedagogia e Diversidade” contém as Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução nº 5/12/2009) e coloca todos os profissionais que estão comprometidos com a educação e informação a pôr em pratica o que determina a lei:

“As propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem: o reconhecimento e valorização, respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileira, bem como o combate ao racismo e a discriminação”. O bibliotecário é um profissional da Informação e portanto, tem um papel importante no que diz respeito à disseminação da informação. Ele tem acesso direto a documentação, informação, cultura, lazer, educação, pesquisa, planejamento e possui como campo de atuação Bibliotecas públicas, comunitárias, escolares, acadêmicas, especializadas, especiais e particulares, podendo ainda desenvolver trabalhos em editoras, rádio, televisão, museus, videotecas, consultorias e tantos outros campos.

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, quando sancionou a lei 12.244, de 24 de Maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino de todo o país, não deixou à parte a responsabilidade deste profissional. A lei diz:

“Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino no País contarão com biblioteca, nos termos desta lei.

“Art. 2 Para os fins desta lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais ideográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.

“Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

“Os sistemas de ensino no País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta lei seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de bibliotecário.

No caso específico da temática deste trabalho é muito importante a lei 10.639 promulgada em nove de Janeiro de 2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica pública e privada de todo o país. A lei tem um potencial educativo, é e uma conquista para diminuir a desigualdade racial nas escolas públicas e privadas.

A inclusão da história dos negros não pode ser vista como um fato isolado, mas sim um elemento que atinge toda a sociedade. A partir da inclusão nas aulas de história e geografia, o próximo passo é mapear as ramificações, e trabalhar o após.

Nesse sentido, o bibliotecário pode trabalhar os vários suportes para a disseminação da literatura afro-infantil, podendo utilizar-se de vários recursos objetivando um trabalho de pesquisa minucioso neste campo. Uma das ferramentas refere-se à escolha dos materiais adquiridos periodicamente nas bibliotecas. É importante que a escolha seja direcionada para a aquisição de materiais que irão beneficiar a prática da igualdade racial. Tem-se estudado várias práticas pedagógicas para a inclusão dos temas raciais na idade infantil escolar, e uma das práticas com várias argumentações e pesquisas concretas é o uso da literatura – seja de forma oral ou em textos lidos.

Muitos estudos têm revelado que crianças negras e brancas desde bem pequenas convivem com conflitos relacionados à identidade étnico-racial. Com a importância deste processo é necessário rever as práticas educativas para que possam dar enfoque às questões étnicas raciais. A implementação da lei 10.639 é um desafio a ser enfrentado e necessita do apoio de grupos sociais interessados em compreender um pouco mais sobre a dinâmica da lei, e acolher essa implementação.

Como reparadora do desconhecimento da cultura africana no Brasil, a lei foi criada com o propósito de integrar a história do povo negro aos currículos escolares, buscando reparar a desigualdade racial e o racismo. Tornou-se a porta voz para alterar a realidade existente, um caminho para se conhecer e valorizar os vínculos históricos da cultura afro-brasileira à africana. A realidade caminha para o reconhecimento que vivemos em uma sociedade multirracial e multiétnica marcadas por desigualdades e contradições explícitas ou

não. As diferenças não podem ser negadas, porque se assim forem vistas poderá ser criado mitos e contradições, camuflando uma desigualdade existente.

O Conselho Nacional de Educação – CNE na Resolução nº 1 de 17 de Junho de 2004 dispõe:

1º Parágrafo: A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

2º Parágrafo: O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas.

Reconhecer nossas tradições é o que nos faz conhecer a história de nossa cultura, dos nossos antepassados. Para isso precisamos ter a iniciativa, e ser um incentivador deste processo. A escola, as políticas públicas, e as ações culturais, são uma das maneiras de mudar este perfil. As bibliotecas públicas, escolares, podem ser utilizadas para reavaliar e promover o conhecimento da literatura afro infantil, tão rica. Essa história pertence a todos nós e deve ser de interesse se todos que seja promovido o seu conhecimento.

Em 2008, o Governo Federal sofreu pressão dos órgãos ligados a comunidade negra que questionaram a efetivação da lei – desde a necessidade de alterarmos a imagem presente nos livros didáticos, passando pelos termos pejorativos usados nos textos, chegando aos conteúdos ministrados nos cursos de formação de professores (que não sentem confiança e preparo para trabalhar com a temática). De forma mais ampla os questionamentos se dirigem a necessidade de mudança radical na estrutura curricular dos cursos em todos os níveis, modalidades e etapas do ensino que desconsideram ou simplesmente omitem a participação africana e afro-brasileira na construção do conhecimento em diferentes áreas das ciências.

Com isto foi elaborado um documento com as contribuições a serem efetivadas para a implementação da Lei. Este documento foi elaborado pelo grupo de Trabalho Interministerial, instituído por iniciativa do Ministério da Educação por meio da portaria MJ/Seppir nº 605 de 20 de Maio de 2008, com o objetivo de desenvolver proposta de Plano Nacional que estabeleça metas para a implantação efetiva da lei nº 10.639/2003, em todo território nacional.

Este plano se articula ao Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), e se constitui como referência para um plano de Estado. Neste sentido, as propostas para a educação étnico raciais e para o ensino da História e cultura afro-brasileira e africana, devem ser conteúdo do processo de revisão do Plano Nacional de Educação e da elaboração do futuro Plano Nacional de Educação-PNE (2012-2022), possibilitando o estabelecimento de metas que garantam o cumprimento da lei 10.639/2003 e de outras legislações comprometidas com a promoção da a equidade na educação brasileira.

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringe à população negra, ao contrário dizem respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica capazes de construir uma nação democrática (Lei 10.639).

A princípio a história dos negros baseada na lei 10.639 estaria resumida às atividades escolares em sala de aula, ministrada por professores em escolas públicas e privadas. Mas existe uma gama de opções para duplicar este veículo. A literatura afro-infantil é o predecessor deste conjunto de opções. Começar por este veículo é fundamental e necessário. É importante que o bibliotecário tenha uma atitude filosófica que busca abranger em suas coleções, identificando conexões dos elementos da coleção e as atividades desta, e este é um processo que segue continuamente.

A biblioteca é uma instituição colecionadora porque os documentos não compõem as coleções de forma espontânea e natural, como acontece na formação e no desenvolvimento dos fundos de arquivo (MARTINS, 2011). O conteúdo informacional da qual fazem parte os acervos, são compostos por: arquivo, biblioteca e museus. Os arquivos mantêm documentos que representam a pessoa física ou jurídica que os gerou ou acumulou. A biblioteca representa a informação tratada, e o museu representa pouco sobre si, mas muito sobre a sociedade que o gerou.

Nesta constituição dos acervos é que precisam estar presentes os dados e a história dos negros. Os lugares institucionalizados de memória, são constituídos e mantidos para servir ao público. Essas instituições têm verdadeiras riquezas da história. As bibliotecas públicas, institucionais e privadas são fonte importante de pesquisa histórica e uma grande referência porque, além de livros, contém fotografias, gravuras, litografia, álbum de imagens, e recortes, discos, vídeos, gravações e até arquivos de cinema e documentários. Esses documentos

contêm informações que também podem dar base ao profissional para trabalhar a disseminação da lei 10.639.

O desenvolvimento de coleções pode ser definido como planejamento, implementação e avaliação das mesmas. Estar despreparado para lidar com práticas promotoras de igualdade racial, como dizem alguns profissionais da educação, fortalece o prognóstico do preconceito racial. Isso sempre foi algo tratado em off para não criar discussões acirradas e, na educação infantil, o mesmo método de velamento do racismo continua. Se fosse algo aberto, dito e discutido, os educadores não se omitiriam e prorrogariam os trabalhos com esta temática em sala de aula.

Para que a história dos negros seja contada, é importante que o bibliotecário conheça as bases e diretrizes necessárias para poder suprir as necessidades do material necessário a ser colocado nas prateleiras das bibliotecas, das escolas e dos centros culturais no Brasil. Esse conteúdo precisa estar presente nas Bibliotecas Públicas Estaduais Municipais e Privadas e Centros Culturais. O bibliotecário deve incluir em seus projetos de aquisição itens relacionados com este conteúdo.

7.1 A importância da seleção dos materiais

O Bibliotecário precisa conhecer os critérios importantes para a seleção de materiais com temática negra. Nos livros infantis, muitas vezes a capa traz imagens da cultura africana, mas o conteúdo não evidencia as relações étnico raciais, e este é um fator fundamental para a escolha dos livros. Nos catálogos das editoras tradicionais, em sua maioria, aparecem poucas (ou quase nenhuma) obras que apresentam personagens negras e que os textos sejam destinados ao público infantil e infanto-juvenil. Isso ocorre na contramão das editoras jovens que têm investido na produção de literatura que enfatiza a diversidade étnico-racial brasileira. Podemos citar como exemplo as editoras Mazza e Pallas, que têm as obras voltadas em sua maioria para o público infanto-juvenil.

A Editora Paulinas, voltada para a literatura religiosa, tem feito lançamentos com personagens negras brasileiras e africanas. Encontramos autores produzindo trabalhos com ênfase na população negra, tais como Rogério Andrade Barbosa, criador de *Contos ao Redor da Fogueira*; Sundjata, com *O príncipe Leão*, *Histórias que nos Contaram em Luanda*, entre outros. Sonia Rosa, com *Os Tesouros de Monifa*, *O tabuleiro da Baiana*, *Feijoada*, *Jongo*, que fazem parte da *Coleção Lembranças Africanas*; Reginaldo Prandi com seus livros:

Xangô, o trovão, Os Príncipes do destino: Histórias da Mitologia afro-brasileira, Oxumarê, o Arco Iris e Carolina Cunha com *Caminhos de Exu, Eleguá e Yemanjá*.

O Bibliotecário terá que conhecer os autores que estão comprometidos com a temática e analisar as obras comparando-as ao que está proposto na lei, relaciona-las à divulgação, disseminação e valorização étnico-racial.

O Programa Nacional Biblioteca e Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura. O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2012 enfoca os critérios utilizados na utilização de livros para a educação Infantil:

3.2.1- Categoria 1: para as instituições de educação Infantil- etapa creche:

3.2.1.1- Textos em verso-quadra, parlenda, cantiga, trava-língua, poema;

3.2.1.2. Textos em prosa-clássicos da literatura infantil, pequenas histórias, textos de tradição popular;

3.2.1.3. Livros de Narrativas de palavra-chave- livros que vinculem imagens com palavras;

3.2.1.4. Livros de Narrativas por imagens- com cores e técnicas diferenciadas como: desenho, aquarela, pintura, entre outras.

3.2.1.5. Os livros deverão ser adequados a faixa etária da criança da educação infantil e confeccionados em material atóxico (papel cartonado, tecido, EVA, plástico, entre outros materiais) de forma a possibilitar o manuseio por crianças de 0 a 3 anos, podendo ser apresentado em diversos tamanhos.

3.2.1.6. As obras que demandam o manuseio pelas crianças confeccionadas em carbonato, tecido, EVA, plástico ou outro tipo de material-deverão obrigatoriamente, conter o selo do Inmetro.

3.2.2. Categoria 2: para as instituições de educação infantil - etapa pré escola:

3.2.2.1. Textos em verso- poema, quadra, parlenda, cantiga, trava-língua, adivinha;

3.2.2.2. Textos em prosa- clássicos da literatura infantil, pequenas histórias, textos da tradição popular.

3.2.2.3. Livros de narrativas por imagens

3.2.2.4. Os livros deverão ser adequados a faixa etária das crianças da educação infantil e confeccionados em material atóxico (papel cartonado, tecido, EVA, plásticos entre outros materiais, de forma a possibilitar o manuseio por crianças de 4 e 5 anos e poderão ser apresentados em diferentes tamanhos.

3.2.2.5. As obras que demandam o manuseio pelas crianças- confeccionadas em cartonado, tecido, EVA, plástico ou outro tipo de material-deverão, obrigatoriamente, conter o selo do Inmetro (Edital PNBE, 2012, p.2).

No Plano Nacional da Biblioteca e Escola - PNBE estão descritas a qualidade, a adequação temática e o projeto gráfico que os livros devem conter:

1. Qualidade do texto

[...] No caso dos textos em prosa, serão avaliadas a coerência e a consistência da narrativa, a ambientação, a caracterização das personagens e o cuidado com a correção e a adequação do discurso das personagens a variáveis de natureza situacional e dialetal. No caso dos textos em verso, será observada a adequação da linguagem ao público a que se destina, tendo em vista diferentes princípios que, historicamente vem orientando a produção literária. Os textos deverão ser eticamente adequados, não se admitindo preconceitos, moralismos, estereótipos.

[...] Nos livros de imagens e quadrinhos também será considerada como critério a relação entre texto e imagem e as possibilidades de leitura das narrativas visuais.

2. Adequação temática

As obras deverão estar adequadas às faixas etárias e aos interesses das crianças da educação infantil, do ensino fundamental, e de jovens, adultos e idosos da EJA. Entre suas características, serão observados a capacidade de motivar a leitura, o potencial para incitar novas leituras, a adequação às expectativas do público-alvo, as possibilidades de ampliação das referências do universo dos diferentes públicos e a exploração artística dos temas.

3. Projeto Gráfico

O projeto gráfico será avaliado quanto à adequação e expressividade nos seguintes aspectos: apresentação de capa criativa e atraente, apropriada ao projeto estético-literário da obra; uso de tipos gráficos, espaçamento e distribuição espacial adequado aos diferentes públicos de leitores: distribuição equilibrada de textos e imagens; interação das ilustrações com o texto artisticamente elaboradas; uso de papel adequado à leitura e ao manuseio pelos diversos públicos e pertinência das informações complementares. A presença de erros de revisão e/ou de impressão comprometerá a avaliação da obra. Quanto as ilustrações e imagens, devem recorrer a diferentes linguagens, ser atrativas e enriquecedoras, ampliando a possibilidade significativas dos textos. Podem ser coloridas ou em branco e preto, desde que sejam adequadas à intenção expressiva da obra.

A biografia do(s) autor (es) deverá ser apresentada de forma a enriquecer o projeto gráfico e promover a contextualização do autor e da obra no universo literário. Igualmente, outras informações devem ter por objetivo a ampliação das possibilidades de leitura, em uma linguagem acessível a criança, ao jovem adulto e ao idoso, inclusive, quando couber, com informações a respeito das técnicas utilizadas para elaboração das ilustrações.

Os livros que demandam manuseio pelas crianças de 0 a 3 anos e de 4 e 5 anos devem ser adequados a faixa etária e atender aos critérios de segurança, além de

serem certificados pelo Inmetro. Eles devem ser de fácil manuseio e resistentes ao uso por crianças de faixa etária a que se destinam, permitindo a interação entre crianças e o objeto (EDITAL PNBE/2012. p. 24-25).

Diante de tais regras para aquisição de livros, devem ser analisados vários eixos: qualidade, valorização da diversidade, faixa etária, produção literária. Deve-se ainda considerar que obras antigas reproduzem em sua maioria estereótipos e situações explícitas ou não de racismo.

Documentos que podem contar a história dos negros não estão apenas em livros, mas em várias outras formas de expressão: filmes, por exemplo – observando-se o fato de que apenas mudar a cor da pele do protagonista não faz deste um merecedor da valorização das etnias raciais, como vem acontecendo em alguns filmes atualmente disponíveis para crianças. Quando a única referência à temática negra é a cor da protagonista a história continua a mesma.

Gravações de vídeo, gravações de som, artefatos tridimensionais, materiais cartográficos e iconográficos, música, destacando-se o livro *Cultura Popular e Educação: um salto para o Futuro*, dos autores Souza e Souza (2008), como objeto da memória, do ponto de vista artístico-musical.

A música desempenhou um papel único na formação e desenvolvimento da espécie humana, sua importância é superior à descoberta do fogo, ou da invenção da roda, ou da imprensa. A música traz a história do desenvolvimento da inteligência dos nossos ancestrais e alicerça para o estabelecimento dos primeiros grupos étnicos. A sonoridade plástica do toque do Berimbau é suficiente o bastante para nos transportar ao mundo da capoeira, assim como a banda de pífaros é capaz de nos remeter ao nordeste Brasileiro (MURAY, 2008, p. 105).

Todo o material possível que comunique ou exprima informação, opinião ou sensação pode ser incluído no desenvolvimento de coleções (MARTINS, 2011) e podem beneficiar o trabalho da história dos negros e sua cultura. Esse conteúdo precisa estar presente nas Bibliotecas Públicas Estaduais Municipais e Privadas e de Centros Culturais. O bibliotecário deve incluir em seus projetos de aquisição itens relacionados a este conteúdo.

A literatura afro-infantil é parte deste conjunto de opções. É importante que o bibliotecário tenha essa atitude filosófica, objetivando abranger em sua coleção obras interligadas ao processo de ressignificação da identidade negra no Brasil. Este é um processo que segue continuamente.

Esses profissionais precisam estar conscientes dos temas que refletem:

- A história Geral da África
- A História dos Negros no Brasil
- As diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais voltadas para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

A história dos negros deverá ser contada em vários tipos como livros, periódicos, materiais cartográficos e em vários suportes como papel, eletrônico, microfilme e vídeo. O bibliotecário deverá analisar todas essas indicações, dando assim uma gama de opções ao leitor. Se restringirmos este trabalho apenas aos professores, o trabalho não atingirá ao propósito inicial. Deve-se pensar que além das bibliotecas outros espaços devem ser utilizados para este fim. Os espaços culturais, como museus, salas de leitura, espaços lúdicos, devem ser utilizados com o propósito de disseminar a história e cultura da população afro-brasileira.

O bibliotecário pode trabalhar os vários caminhos para a disseminação da literatura afro-infantil. Pode-se utilizar de vários suportes, fazendo um trabalho de pesquisa minucioso neste campo e escolhendo para a aquisição materiais direcionados à prática da igualdade racial, iniciando-se entre as crianças. Tem-se estudado várias práticas pedagógicas para a inclusão dos temas raciais na idade infantil escolar, e uma das práticas amparada por pesquisas concretas é o uso da literatura (oral ou escrita).

7.2 As várias possibilidades de leitura

A Lei 10.639/03 propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Por exemplo, os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas (LEI 10.639/2003).

As crianças têm direito ao acesso aos bens culturais. As expressões oral e escrita são domínios muito importantes da herança cultural, e são responsáveis pela forma como as sociedades se organizaram, com reflexos na constituição da identidade humana. Durante séculos, a oralidade foi uma força de transmissão de cultura e conhecimento entre os povos.

Os povos africanos desenvolveram formas de contar histórias. Um dos personagens dessas formas de contar histórias são os griots, considerados bibliotecas vivas da cultura africana.

Nos diversos países africanos e em várias partes do mundo, a partir do advento da escrita ocorreu o desenvolvimento de toda uma literatura. Apesar disso, o gosto pela narração de histórias permanece e cresce a cada dia mais, variando em seus formatos. Esta é uma herança africana que o Brasil incorporou, e que deve ser trabalhada com os livros que fazem parte do acervo das bibliotecas. Livros que contam a história da África e seus mitos devem ser utilizados para a contação de histórias, estimulando este hábito entre as crianças. Histórias de conto de fadas com personagens brancos todos já conhecem, o que essas crianças precisam é assimilar a negritude, a histórias bonitas e interessantes do mundo dos livros com a temática africana. (CEERT 2012).

Os profissionais devem ser cuidadosos ao escolher, adquirir e apresentar os materiais escritos para as crianças. Além da qualidade do texto e das ilustrações, é importante analisar os portadores de texto do ponto de vista da igualdade racial, especialmente os livros de literatura. Os profissionais devem se orientar antes de tomar decisões importantes no momento de escolher livros de literatura que consideram adequados e quais textos que serão apresentados para crianças. Na hora da escolha é preciso ficar atento para questões como:

- Há pessoas negras que ocupam diversas posições sociais e profissionais, como médicos, professores, empresários, etc.,
- As crianças negras encontram-se em posição de destaque de um modo positivo;
- A imagem de pessoas negras é apresentada de modo positivo e não pejorativamente;
- A população negra é apresentada como protagonista importante de fatos históricos e não apenas como escrava. (CEERT, 2012. pg. 22, 23).

Os adultos assumem papéis importantes de mediação. Professores, bibliotecários e familiares encarnam o papel de mediadores, seja representado na categoria institucional (profissionais da informação e educação), e não institucional (familiares). O mediador tem a oportunidade de interferir no dia a dia do cidadão alimentando o seu desejo de buscar informação para obter conhecimento e construir sua vida (Barros, et al.,2006). O negro representado de forma positiva na literatura brasileira, deve ser utilizada ou seja, os mediadores devem levar a leitura à diferentes espaços, para que todos os indivíduos nas diversas faixas etárias sintam-se desejosos de ler essa literatura.

Analisar o material a ser inserido nos programas que trabalham com a cultura africana não é trabalho fácil. Muitos livros, apesar de estarem disponíveis com o propósito de disseminar a história dos negros, não atingem os objetivos. Livros como *Núbia Rumo ao Egito* da escritora Maria Aparecida Silva Bento, retrata a história da personagem Núbia. Esta participa da Olimpíada da Cidadania, e aproveita para contar a história de sua família, dos negros e da África, passando pela culinária (ensinando a fazer o Mungunzá – comida oferecida nos rituais aos orixás Oxalá, Oxaguiã, Oxalafun, tanto no Candomblé, como na Umbanda). Nesta obra temos informações de grande importância para a compreensão da história.

Além dos livros, existem outras opções de literatura. No livro *Seleção de Materiais de Informação*, Vergueiro (2010) lembra que as histórias em quadrinhos estavam limitadas a venda em bancas de jornal e eram consideradas prejudiciais porque levavam as crianças à preguiça mental e as afastavam dos estudos, interferindo em seu desenvolvimento intelectual. Depois de provado o contrário e com a nova palavra criada na área Biblioteconômica de língua portuguesa, nasceram as gibis. O bibliotecário poderá fazer uma avaliação nesta demanda. Nos gibis criados no século XIX e, mais precisamente nas histórias de Ângelo Agostini dedicadas a críticas à escravidão, os negros aparecem como personagens secundários. Em 1931 surge Azeitona, quadrinhos publicados na capa da revista Tico Tico, criação de Luiz Sá. Em um determinado momento Azeitona era protagonista das aventuras e, com grande apelo cômico, foi caracterizado com estereótipos de lábios exageradamente grandes. Em 1939 surgiu a revista Gibi, que significava negrinho. Há especulações de que a utilização do termo HQS para identificar os Gibis, veio como alternativa para desassociar e desconstruir a ideia preconceituosa da palavra de origem: negro, moleque.

Personagens negros em histórias que expressam a realidade da história dos negros como *Zumbi – Dia Nacional da Consciência Negra*, criado por Bira Dantas, um HQ institucional que conta a história de Zumbi dos Palmares, devem ser utilizados.

Maurício de Souza em sua história com a Turma da Monica, *Abolição – Você sabia?* e *Jeremias o príncipe que veio da África*, surgem com a proposta de promover o conhecimento dos negros através dos HQS. Os HQS são literaturas promissoras no processo de disseminação das bases para a história dos negros.

O Conselho Nacional de Educação - CNE/CP 003/2004 destaca:

Os sistemas de ensino e os estabelecimentos de Educação Básica nos níveis de Educação Infantil, Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, educação Superior, precisarão providenciar:

Inclusão de discussão da questão racial como parte integrante da matriz curricular, tanto dos cursos de licenciatura para Educação Infantil, os anos iniciais e finais da Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, como de processos de formação continuada de professores, inclusive de docentes no Ensino no Ensino Superior.

Organização de centros de documentação, bibliotecas, mediatecas, museus, exposições em que se divulguem valores, pensamentos, jeitos de ser e viver dos diferentes grupos étnicos-raciais brasileiros, particularmente afrodescendentes (CNE 003/2004).

Para o bibliotecário poder ser um disseminador neste processo, ele precisa ser um leitor assíduo e estar atento para o conteúdo do material a ser inserido na divulgação da cultura Africana. Estar atento as leis, antes de começar o seu trabalho. Dificilmente encontraremos Bibliotecários formados que tenham em seu processo de graduação intimidade com a cultura africana, ou ao menos uma de suas matérias abordando este tema. Então antes de tudo este bibliotecário terá que conhecer toda essa história. Não poderá considerá-la banal. No processo de aquisição de materiais, ele tem forte participação. Ele pode, quando da aquisição, escolher materiais que possam beneficiar a cultura africana. O CNE, em sua resolução nº 1 de 17 de Junho de 2004, deixa claro a sua intenção quando diz:

Isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar as pessoas negras. Requer também que se conheça a sua história e cultura apresentadas, "explicadas, buscando-se especificamente desconstruir o mito da democracia racial na sociedade brasileira, mito este que difunde a crença de que e os negros não atingem os mesmos patamares é por falta de competência ou de interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros (CNE, 003/ 2004)

8- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, concluo que a disseminação da história dos negros e da África está se firmando de forma lenta, mas está caminhando. Não avançou como deveria, mas temos que compreender que este processo é realmente difícil para uma sociedade que não está acostumada a enfrentar este assunto com naturalidade.

A pesquisa que consta em apêndice neste trabalho, traz o panorama da utilização das publicações com temática negra em bibliotecas públicas municipais, CEUS e pontos de leitura através do site da Prefeitura do Município de São Paulo em seu catálogo online. Nele há um controle de empréstimos dos mesmos. De acordo com a pesquisa, dos 15 títulos que contem a temática negra, nas 55 Bibliotecas Municipais, 44 Céus e 15 Pontos de Leitura, foram identificados apenas 13 empréstimos. Não foi possível o acesso às Bibliotecas Públicas escolares, uma vez que não há sistema de controle de acervo informatizado.

A literatura focando a história das crianças negras escravas ou crianças negras na contemporaneidade é escassa, como também escassa foi a utilização de livros com a temática negra. Isto nos leva a acreditar que ainda estamos nos primeiros passos. Essa história terá que ir além das escolas. Entrei em um shopping e vi uma feira de livros infantis. Imediatamente procurei a atendente para solicitar a indicação do *stand* de livros para crianças de 0 a 6 anos. Fui até lá e não encontrei um livro com a temática negra. Perguntei o motivo de não haver um livro sequer. A resposta foi: “não compramos, e eu não sei por que”.

Elaborei uma contagem de livros infantis com a temática negra e identifiquei que foram editados muitos títulos com temática negra, em quantidade pequenas se compararmos ao mundo dos lançamentos de livros no Brasil, mas considerado expressivo, comparado aos anos anteriores em que não se cogitava iniciativas das editoras. É impossível crer que em uma feira de livros não exista um título disponível.

Meu objeto de estudo foi a literatura infantil e o bibliotecário, especificamente a literatura afro-infantil. Porque? Porque a criança negra ou branca precisam entrar em contato com este mundo de diversidade. Porque os benefícios de se criar um leitor na idade infantil, perpetua por toda a sua vida. É de pequeno que se faz o grande. A fase infantil é responsável para a formação da identidade na vida adulta de um indivíduo. Isto poderá proporcionar um aumento na auto estima das crianças negras, quando se virem diante de explicações e

informações sobre sua cultura e sua origem, evidenciado suas características para o fortalecimento da noção de que somos todos iguais.

Não estamos beneficiando apenas crianças negras, mas sim todas as crianças em seu convívio. Os pais também poderão ser beneficiados, porque crianças também ensinam. Não será possível falar de negros e escravidão sem falar das religiões africanas. Pais que não estão voltados para este tema, poderão ser alertados quando se virem diante de crianças passando o que aprenderam em brincadeiras ou histórias. O bibliotecário será o profissional responsável por trazer opções a bibliotecas escolares, especializadas, públicas, interferindo na aquisição, na utilização e em seu conhecimento. Promover projetos culturais dentro dos espaços disponíveis também tem que ser a preocupação destes profissionais, aliados a outros profissionais da educação. Com certeza a participação do profissional bibliotecário é cada dia mais atuante. Ele acaba interferindo em processos de aquisição quando possui um olhar abrangente a respeito de seu conhecimento. Destaco que alguns profissionais da informação têm muita preocupação com as tecnologias, com o processamento da informação e esquecem muitas vezes de pensar no outro lado de tudo isso, o lado social de seu trabalho. A web com acesso em casa ainda não é a opção de muitas crianças. Bibliotecas e escolas estão mais próximas de sua realidade.

Se queremos uma sociedade igualitária, precisamos pensar em todas as camadas da sociedade. Os bibliotecários precisam se unir para a Lei 12.244 de Maio de 2010, que dispõe sobre o livro e as bibliotecas Públicas, obrigando que em cada biblioteca tenha um bibliotecário, seja efetivada. O que temos hoje nas bibliotecas escolares públicas é a administração deste espaço por professores readaptados e sem conhecimento do processo de desenvolvimento de coleções, acervo, e toda a dinâmica que compõe o trabalho do bibliotecário. Essas bibliotecas escolares recebem o envio de material com esta temática, mas os mesmos acabam ficando nas prateleiras sem utilização. Nas escolas privadas, onde em sua maioria existe o trabalho do bibliotecário, não existe a inclusão deste material na aquisição de materiais e na prática de estudos. Alguns órgãos dedicados a promoção e divulgação desta história tem se dedicado em trabalhos de pesquisas, como o CEERT (Centro das Relações de Trabalho e Desigualdade), para conhecer a realidade das leis e políticas existentes no Brasil. Estes trabalhos trazem propostas de como trabalhar a história do negro em sala de aula, mas é necessário trabalhar a história além da sala de aula.

O bibliotecário, em parceria com os profissionais da área, pode trocar informações que podem ser somadas ao seu trabalho de desenvolvimento de coleções, apoiando os que estão interessados em pôr em prática o estudo da cultura de origem africana. O livro *Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial*, produzido pelo CEERT (2012) traz uma gama de trabalhos que podem ser realizados com crianças na idade escolar para aprimorar o conhecimento. A desculpa de não estar preparado poderá ser amenizada a partir dos estudos no assunto. O livro traz o destaque para a organização dos espaços e materiais para apoiar as práticas promotoras da igualdade racial, etc. Tudo isto pode ser trazido para conhecimento de todos através do bibliotecário.

Este trabalho foi de grande importância para conhecimento científico, colaborando para uma visão maior sobre as questões que envolvem a literatura afro-infantil e sua importância na formação de uma sociedade democrática e participativa. O bibliotecário precisa estar atento a todas as informações pertinentes a todas as áreas, porque faz parte de seu trabalho. Espero que o envolvimento do bibliotecário com a diversidade seja atuante e imparcial, e que as informações aqui descritas possam ser utilizadas em seu processo de disseminação da literatura afro infantil. Com este trabalho, espero que outros bibliotecários possam dar continuidade a novas pesquisas envolvendo a temática, para que possamos, desta forma, colaborar com o processo de disseminação das relações étnico-raciais no âmbito cultural e escolar.

REFERÊNCIAS

BARROS, M.H.T.C. de .BORTOLIN, S., SILVA, R.J.de. **Leitura: Mediação e Mediador**. São Paulo: Ed. Fa, 2006, 158 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br>> acesso em 25/09/2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana –Lei 10.639/2003**. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>> acesso em 25/09/2013

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.244 de 24 de Maio de 2010. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm> acesso em 01/09/2013.

BRASIL. Congresso. Senado. Constituição (2003). Lei nº 10639/03, de 09 de janeiro de 2003. **Altera A Lei no 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, Que Estabelece As Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Para Incluir no Currículo Oficial da Rede de Ensino A Obrigatoriedade da Temática "história e Cultura Afro-brasileira", e Dá Outras Providências**. Brasília, DF, 09 jan. 2003. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 01 set. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP nº1, de 17 de Junho de 2004. Disponível em: <portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>acesso em 30/07/2013

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à distância. MURRAY, C. Cultura Popular e Educação- Salto para o Futuro: **A Música como Objeto de Memória**. In: SILVA, R.M.C. da. (org.). Brasília, 2008, p-103-110.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à distância. SOUZA, A.L.de; SOUZA A.L.S. Cultura popular e Educação: Salto para o futuro. In: SILVA, R.M.C. da. (org.). **Cantos e Recantos: vozes africanas e afro-brasileiras**, Brasília: 2008. p.151-169.

CARDOSO, Carmo Francilene do; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. **A Biblioteca Pública na (re) construção da Identidade Negra**. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v.4, n.1, 2011 Disponível em www.brapci.ufpr.br/index.php Acesso em 01 de Abril de 2013.

CASTRO, Eline Fernandes de; **A importância da Literatura infantil para o desenvolvimento da criança**. Disponível em:<<http://meuartigo.brasile scola.com/educação>>. Acesso em: 01/09/2013.

CASHMORE, Ellis; **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo negro, 2000, 598 p.

CENTRO DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES DE TRABALHO E DESIGUALDADE
CEERT- **Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial**. São Paulo, 2012.
50 p.

DUARTE, E.A.D. **Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 31, Brasília, jan. á jun. 2008, p. 11-23. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/liteafro> acesso em 10 de mar. 2013.

FISCHER, S.R. **História da Leitura**. São Paulo: editora Unesp 2005, 337 p.

JOVINO, Silva Ione. **Literatura Infanto-Juvenil com personagens negros no Brasil**. Disponível em <www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura>acesso em 15 de Ago.2012.

MARIOSIA, Santos Gilmará; REIS, Maria da Gloria dos; **A influência da literatura Afro-Brasileira na construção das identidades das crianças**. **Estação Literária**-Londrina, Vagão- volume 8 parte A, p. 42-53, nov.2011. Disponível em www.uel.br/pos/letras/EL acesso em: 02 de nov.2012.

MARTINS, Moreira Maria de Fátima de; **A Gestão de Bibliotecas e o desenvolvimento de Coleções**. III Reunião da rede BVS e Portuguesa São Tomé 2011. Disponível em <cspace.eportuguese.org/tiki-download_file.php?fileId=746> acesso em 10 dez 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986, 88 p.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2000, 624 p.

SILVA, C. F. da. **Literatura Afro Brasileira para crianças**. In CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DIVERSIDADES E (DE) IGUALDADES. 2011, Salvador. Anais Eletrônicos... Salvador: UFBA- PAF I E II. Disponível em: <www.conlab.ufba.br/>

SOUZA, H.O. **Os Negros: A História do Negro no Brasil**: São Paulo: Caros Amigos Editora, 2009, (Coleções Caros Amigos).

PEREIRA, ANDRE KLUGE; **Biblioteca na Escola: As várias possibilidades de leitura**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2009.

VERGUEIRO, Valdomiro; **Seleção de Materiais de Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2010. 120p.

ZIBORDI, M. Os Negros: **A História do Negro no Brasil**: São Paulo: Caros Amigos Editora, 2009, (Coleções Caros Amigos).

ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. **Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias autores e textos**. São Paulo: Global Universitária, 1986. 364 p.

APENDICE

PESQUISA REALIZADA ATRAVÉS DO SITE DA PREFEITURA DE SÃO PAULO COM LIVROS INFANTIS COM TEMÁTICA NEGRA EXISTENTES NO ACERVO QUE PODEM SER UTILIZADOS POR CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS E SUA UTILIZAÇÃO.

1. OGUM, O REI DE MUITAS FACES E OUTRAS

HISTÓRIAS DOS ORIXÁS



Os orixás são deuses que inventam brincadeiras, brigam, se apaixonam, choram, contam histórias, fazem molecagens e até recebem castigos. Quem são essas divindades? Como surgiram? Como vieram parar no Brasil. Ogum, o rei de muitas faces, traz histórias de orixás e descreve as suas principais características, mostrando esse lado especial da nossa cultura, que é a herança dos povos africanos. Além de contar histórias, o livro fala das origens do candomblé, e discute aspectos da sua história social. Ao nos aproximar desse universo, Ogum mostra que os deuses podem ser como nós; espertos e preguiçosos, sábios e engraçados, inquietos e misteriosos.

Título: Ogum, o rei de muitas faces e outras histórias dos orixás

Local: São Paulo-SP/ Companhia das letras

Autor: Cai, Lídia

Ilustrador: Miadaira

Assunto: Literatura Infanto-Juvenil

Biblioteca: Belmonte, Mario de Andrade, Paulo Duarte, Adelpha Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Alvares de Azevedo, Alvaro Guerra, Prof. Arnaldo Magalhães de Giacomo, Aureliano Leite, Belmonte, Camila Cerqueira Cesar, Cassiano Ricardo, Castro Alves, Cecília Meireles, Centro Cultural São Paulo, Clarice Lispector, Cora Coralina, Chácara do Castelo, Erico Verissimo, Hans Christian Andersen, Pe. José de Anchieta, José Mauro de Vasconcelos, José Paulo Paes, Jovina Rocha Alvares Pessoa, Malba Tahan, Marcos Rey, Monteiro Lobato, Nuto Santana, Paulo Duarte, Paulo Sergio Duarte Milliet, Raul Bopp, Sylvia Orthof, Thales Castanho de Andrade, Vicente Paulo Guimarães, Vinicius de Moraes, Zalina Rolim.

Céu: Navegantes.

Utilização: Monteiro Lobato, Raul Bopp – emprestados

Utilização: Os demais disponíveis

2. O CABELO DE LELE



Lelé olha seu cabelo e não gosta do que vê. Ele é um menino negro com cabelos bem grandes e cheios. Joga pra lá e pra cá, mas não consegue dar jeito. Decide procurar resposta nos livros. Depois de muito procurar, encontra o livro “Países Africanos, e aí conhece suas origens e sua história. Puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado. São tantos cabelos, tão lindos e tão belos. Partir daí Lelé gosta do que vê

Título: O cabelo de lelé

Local: Belém, Valéria

Autor: Belém, Valéria

Ilustrador: Mendonça, Adriana

Assunto: Literatura Infanto-juvenil

Biblioteca: Camila Cerqueira Cesar, Cora Coralina, Monteiro Lobato, José Mauro de Vasconcelos.

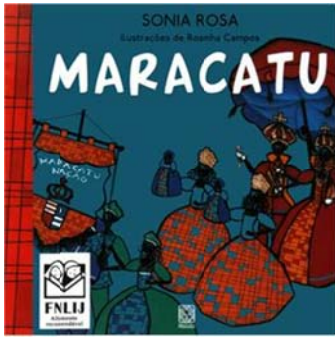
Céu: Água Azul, Alto Alegre, Alvarenga, Aricanduva, Azul da Cor do Mar, Butantã, Caminho do Mar, Campo Limpo, Cantos do Amanhecer, Capão Redondo, Casa Blanca, Cidade Dutra, Feitiço da Vila, Formosa, Inácio Monteiro, Jaçanã, Jaguaré, Jambeiro, Jardim Paulistano, Lajeado, Meninos, Navegantes, Parelheiros, Parque Anhanguera, Parque Bristol, Paz, Perus, Quinta do Sol, Rosa da China, São Mateus Quinta do Sol, Sapopemba, São Mateus, São Rafael, Três Lagos, Três Pontes, Uirapuru, Vila Atlântica, Vila Curuçá, Vila do Sol, Vila Rubi, Formosa, Parque São Carlos, Parque Veredas, Rosa da China, Pêra Marmelo.

Utilização: Céu, Alvarenga, Aricanduva, Cor do Mar, Butantã, Caminho do Mar, Capão Redondo- Emprestado

Utilização: Biblioteca Cora Coralina – emprestado

Utilização: os demais disponíveis

3. MARACATU



Maracatu, tu, tu, maracatu, tu, tu. Narra a história da tradição do maracatu no Brasil, e o culto Calunga.

Título: Maracatu

Local/Editora: Rio de Janeiro/ Pallas

Autor: Sonia, Rosa

Ilustrador: Campos, Rosinha

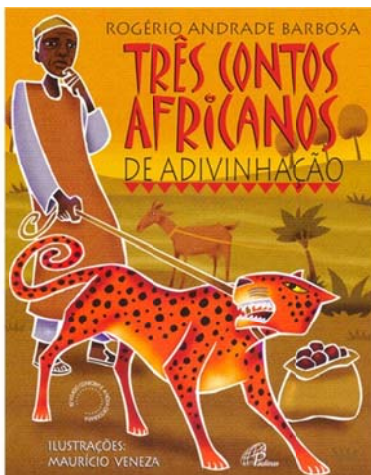
Assunto: Literatura infanto-juvenil; danças folclóricas brasileira

Bibliotecas: Monteiro Lobato-Cora Coralina, Paulo Duarte

Céu: Capão Redondo, Jaguaré, Paraisópolis, Parque Anhanguera, Parque Bristol, Uirapuru, Cantos do Amanhecer, Jardim Paulistano, Lajeado, Sapopemba

Utilização: Disponíveis

4. TRÊS CONTOS AFRICANOS



Este livro reconta três histórias africanas de adivinhação. São contos instigantes e inteligentes, que abordam como mistérios ligados a furtos são solucionados, e como saídas para situações aparentemente insolúveis são encontradas. Despertam a curiosidade do leitor para descobrir como os personagens chegam a tal desfecho. Caso o leitor não desvende o mistério, há um pequeno texto, após cada conto, ajudando-o a identificar os elementos da narrativa que o levariam à conclusão acertada. As ilustrações de Maurício Veneza são estilizadas, e contam com cores que transitam por tons de ocre, vermelho terra, verde a marrom.

Título: Três Contos Africanos de Adivinhação

Local/Editora: São Paulo –SP/Paulinas

Autor: Barbosa, Rogério Andrade

Ilustrador: Veneza, Mauricio

Assunto: Literatura Infanto-juvenil

Biblioteca: Sergio Buarque de Holanda, Carlos Marighella,; Bosque de Leitura: Parque

Esportivo dos Trabalhadores, Parque Lajeado, Parque Lions Clube de Tucuruvi, Parque

Lajeado, Parque Raposo Tavares; Ponto de Leitura: Butantã, São Mateus, Severino do Ramo,

Tide Setúbal; Ônibus Biblioteca;

Céu: Uirapuru

Utilização: Disponível

5. BIA NA ÁFRICA



Bia é filha de uma diplomata e viaja com a mãe por diferentes partes do mundo: África, Europa, Ásia... Nessas viagens ela conhece muitas das influências que outros países trouxeram para o Brasil. Prepare suas malas e viaje com a Bia para a África. Conheça o Egito e o Quênia e more com ela em Angola! Lá você encontrará muitas das raízes do Brasil e dos brasileiros.

Título: Bia na África

Local: São Paulo-SP/Moderna

Autor: Requer, Ricardo

Ilustrador: Guedes, Avelino/Borges, Rogério

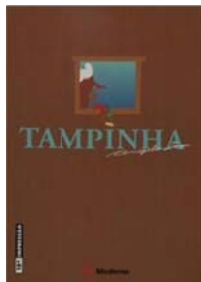
Assunto: Literatura Infanto-Juvenil

Biblioteca: Monteiro Lobato

Céu: Quinta do Sol

Utilização: Disponíveis

6. TAMPINHA



O texto faz referências a personagens do folclore Brasileiro, como a cobra-grande (que aparece na lenda do aparecimento da noite) e o Curupira além da onça Pintada, personagem de muitas histórias da tradição indígena.

Título: Tampinha

Local: São Paulo-SP/ Moderna

Autor: Lago, Ângela

Ilustrador: Não especificado

Assunto: Literatura Infanto-Juvenil

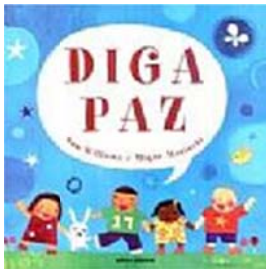
Biblioteca: Gilberto Freyre, Jamil Almansur Haddad, Adelpha Figueiredo, Alvares de Azevedo, Álvaro Guerra, Anne Frank, Prof. Arnaldo Magalhães de Giácomo, Belmonte, Bosque da Leitura Parque Lions Club de Tucuruvi, Brito Broca, Camila Cerqueira Cesar, Castro Alves, Cecília Meireles, Chácara do Castelo, Clarice Lispector, Cora Coralina, Erico Verissimo, Gilberto Freyre, Hans Christian Andersen, Helena Silveira, Pe. José de Anchieta, José Mauro de Vasconcelos, José Paulo Paes, Jovina Rocha Alvares Pessoa, Lenyra

Fraccaroli, Malba Tahan, Marcos Rey, Mário Schenberg, Monteiro Lobato, Ônibus Biblioteca, Paulo Duarte, Sergio Duarte Millet, Paulo Setúbal, Ponto de Leitura Parque do Rodeio, Raul Bopp, Ricardo Ramos, Sergio Buarque de Holanda, Sylvia Orthof, Thales Castanho de Andrade, Vicente Paulo Guimarães, Vinicius de Moraes, Viriato Corrêa.

Céu: Não identificado

Utilização: Disponíveis

7. DIGA PAZ



Compreender os diferentes povos, respeitar sua cultura e seus costumes, promover a tolerância e a solidariedade. Com linguagem simples, ilustrações atraentes e muita sensibilidade, o livro convida o pequeno leitor a refletir sobre esses temas e reconhecer sua importância para a preservação da paz no mundo.

Título: Diga Paz

Local: São Paulo-SP/Scipione

Autor: Rios, Samia; Williams, Sam; Moriuchi, Mique

Ilustrador: sem identificação

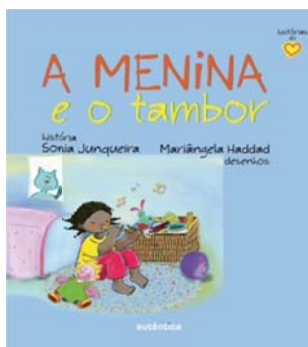
Assunto: Literatura infanto-juvenil

Biblioteca: Monteiro Lobato

Céu: Não consta

Utilização: Disponíveis

8. A MENINA E O TAMBOR



Título: A menina e o tambor

Local: Belo Horizonte –MG/ Autêntica

Autor: Junqueira, Sonia

Ilustrador: Haddad, Mariângela

Assunto: Literatura Infanto-Juvenil

Andando pela rua, uma menina percebe, nas pessoas que passam, um ar preocupado, ou triste, ou aborrecido. Parecem todos apáticos, levando uma vida descolorida e sem alegria. Por mais que tente, a menina não consegue contato com essas pessoas. Aos poucos, vai ficando contaminada pela desolação geral e começa, ela também, a desbotar. De repente, escuta o TUM-TUM do próprio coração e tem uma ideia. Vai em casa, pega um pequeno tambor e sai pelas ruas tocando com força, enchendo o ar de TUM-TUNS contagiantes, arrebatando as pessoas, que ganham vida, recuperam suas cores e entram no cortejo de música e alegria que segue a menina e seu tambor.

Biblioteca: Adelpha Figueiredo, Afonso Taunay, Afonso Schmidt, Alceu Amoroso Lima, Alvares de Azevedo, Alvaro Guerra, Amadeu Amaral, Anne Frank, Prof. Arnaldo Magalhães de Giacomini, Aureliano Leite, Belmont, Brito Broca, Camila Cerqueira Cesar, Castro Alves, Carlos Marighella, Bosque da Leitura: Parque Anhanguera, Cidade de Toronto, Parque do Carmo, Parque Esportivo dos trabalhadores, Parque Guarapiranga, Parque Ibirapuera, Parque Jardim da Luz, Parque Lajeado, Parque Lions Club de Tucuruvi, Parque Raposo Tavares, Parque Santo Dias, Chácara do Castelo, Clarice Lispector, Cora Coralina, Erico Verissimo, Gilberto Freyre, Hans Christian Andersen, Helena Silveira, Jamil Almansur Haddad, Pe. José de Anchieta, José Mauro de Vasconcelos, José Paulo Paes, Jovina Rocha Alves Pessoa, Lenyra Fraccaroli, Malba Tahan, Marcos Rey, Mário Schenberg, Menotti Del Picchia, Milton Santos, Monteiro Lobato, Narbal Fontes, Nuto Sant'Ana, Ônibus Biblioteca, Paulo Duarte, Sergio Duarte Millet, Paulo Setúbal, Pedro Nava,

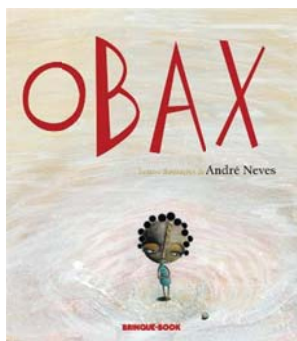
Pontos de leitura: André Vital, Butantã, Carolina de Jesus, São Mateus, Graciliano Ramos, Jardim Lapenna, Juscelino Kubitschek, Parque do Piqueri, Parque do Rodeio, Praça do Bambuzal, Severino do Ramo, Tide Setúbal, Parque Anhanguera, Vila Mara, Pref. Prestes Maia, Raimundo de Menezes, Raul Bopp, Ricardo Ramos, Roberto Santos, Rubens Borba Alves de Moraes, Sergio Buarque de Holanda, Sylvia Orthof, Thales Castanho de Andrade, Vicente de Carvalho, Vicente Paulo Guimarães, Vinicius de Moraes, Viriato Corrêa.

Céu: Água Azul, Alto Alegre, Alvarenga, Azul da Cor do Mar, Campo Limpo, Cantos do Amanhecer, Capão Redondo, Casa Blanca, Cidade Dutra, Feitiço da Vila, Formosa, Inácio Monteiro, Jaçanã, Jaguaré, Jambeiro, Jardim Paulistano, Lajeado, Meninos, Navegantes, Paraisópolis, Anhanguera, Parque Bristol, Parque São Carlos, Parque Veredas, Pera Marmelo, Perus, Quinta do Sol, Rosa da China, São Mateus, São Rafael, Sapopemba, Tiquatira, Três Lagos, Três Pontes, Uirapuru, Vila Atlântica, Vila Curuçá, Vila Rubi,

Utilização: Céu Parque São Carlos e Vila Curuçá: Emprestado

Utilização: Restante- Disponíveis

9. OBAX



Quando o sol acorda no céu das savanas, uma luz fina se espalha sobre a vegetação escura e rasteira. O dia aquece, enquanto os homens lavram a terra e as mulheres cuidam dos afazeres domésticos e das crianças. Ao anoitecer, tudo volta a se encher de vazio, e o silêncio negro se transforma num ótimo companheiro para compartilhar boas histórias” (p.6). É na sombra da noite, na sinfonia dos bocejos, que Obá, nome da menina, cria suas histórias fabulosas que preenchem o vazio e o silêncio. Certa vez, a menina contou aos amigos que tinha visto cair do céu uma chuva de flores.

Título: Obá

Local: Neves, André

Autor: São Paulo –SP/ Brinque-Book

Ilustrador: Neves, André

Assunto: Literatura-infanto Juvenil

Biblioteca: Nuto Sant’Anna, Adelpha Figueiredo, Affonso Taunay, Afonso Schmidt, Alceu Amoroso Lima, Alvares de Azevedo, Álvaro Guerra, Amadeu Amaral, Anne Frank, Prof. Arnaldo Magalhães de Giácomo, Aureliano Leite, Belmonte, Brito Broca, Camila Cerqueira Cesar, Castro Alves, Chácara do Castelo, Clarice Lispector, Cora Coralina, Érico Verissimo, Gilberto Freyre, Hans Christian Andersen, Helena Silveira, Jamil Almansur Haddad, Pe. José de Anchieta, José Mauro de Vasconcelos, José Paulo Paes, Jovina Rocha Alvares Pessoa, Lenyra Fraccaroli, Malba Tahan, Marcos Rey, Mario Schenberg, Menotti Del Picchia, Milton Santos, Monteiro Lobato, Narbal Fontes, Nuto Sant’Anna, Paulo Duarte, Paulo Sergio Duarte Millet, Paulo Setúbal, Pedro Nava, Prof. Prestes Maia, Raimundo de Menezes, Raul Bopp, Ricardo Ramos, Roberto Santos, Sergio Buarque de Holanda, Sylvia Orhof, Thales Castanho de Andrade, Vicente de Carvalho, Vicente Paulo Guimaraes, Vinicius de Moraes, Viriato Corrêa, Ônibus Biblioteca.

Céu: Não identificado

Utilização: Biblioteca Camila Cerqueira Cesar: Emprestado 01

Utilização: os demais Disponíveis

10.O MENINO NITO



Nito trouxe muita alegria ao nascer, Seu nome vem de bonito de tão gracinha que era. Conforme ia crescendo mais chorão ele ficava. Quanto mais pediam ou mandavam Mito parar de chorar, mais ele chorava. Um dia, depois de tanto chororô, o pai de Nito o chamou num canto e disse: Nito meu filho, você já está virando um rapazinho. Já está na hora de parar de chorar à toa. Tem mais: acabou o chororô.

Título: O menino Nito: então, homem chora ou não

Local: Rio de Janeiro-RJ- Pallas

Autor: Sonia, Rosa

Ilustrador: Tavares, Victor

Assunto: Literatura-Infanto Juvenil

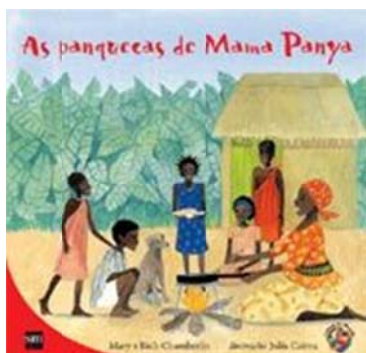
Biblioteca: Monteiro Lobato, Paulo Duarte, Mario Schenberg, Ônibus Biblioteca

Céu: Agua Azul, Alto Alegre, Azul da Cor do Mar, Butantã, Campo Limpo, Cantos do Amanhecer, Capão Redondo, Casa Blanca, Cidade Dutra, Feitiço da Vila, Inácio Monteiro, Jaçanã, Jaguaré, Jambreiro Jardim Paulistano, Lajeado Meninos, Navegantes, Parelheiros, Parque Anhanguera, Parque Bristol, Parque Veredas, Paz, Pera Marmelo, Quinta do Sol, Rosa da China, São Mateus, São Rafael, Sapopemba, Três lagos, Três Pontes, Uirapuru, Vila Atlântica, Vila Curuçá, Vila Rubi, Vila do Sol

Utilização: Céu Capão Redondo: Emprestado

Utilização: Os demais Disponíveis

11. AS PANQUECAS DE MAMA PANYA



Título: As panquecas de Mama Panya

Local: São Paulo –SP/Edições SM

Autor: Chamberlin, Mary

Ilustrador: Cairns, Julia

Assunto: Literatura Infanto-juvenil

Biblioteca: Affonso Taunay, Paulo Duarte,

Adelpha Figueiredo, Alceu Amoroso Lima,

Alvares de Azevedo, Álvaro Guerra, Anne

Frank, Prof. Arnaldo Magalhães de Giácomo, Belmonte, Brito Broca, Camila Cerqueira

Cesar, Castro Alves, Cecilia Meireles, Chácara do Castelo, Clarice Lispector, Cora Coralina,

Érico Verissimo, Gilberto Freyre, Helena Silveira, Jamil Almansur Haddad, Pe. José de

Anchieta, José Mauro de Vasconcelos, José Paulo Paes, Jovina Rocha Alvares pessoa,

Lenyra Fraccaroli, Malba Tahan, Marcos Rey, Menotti Del Picchia, Monteiro Lobato,

Raul Bopp, Ricardo Ramos, Rubens Borba Alves de Moraes, Sergio Buarque de Holanda,

Sylvia Orthof, Thales Castanho de Andrade Vicente Paulo Guimarães, Vinicius de

Moraes, Viriato Corrêa, Zalina Rolim, Ônibus Biblioteca, Ponto de Leitura: André Vital,

Carolina de Jesus, Galeria Olido, Graciliano Ramos, Jardim Lapenna, Juscelino

Kubitschek, Parque do Rodeio, Praça do Bambuzal, Tide Setúbal, União dos Moradores do

Parque Anhanguera, Vila Mara

Céu: Aricanduva, Azul da Cor do Mar, Cantos do Amanhecer, Capão Redondo, Formosa,

Paraisópolis, Quinta do Sol, Vila Rubi.

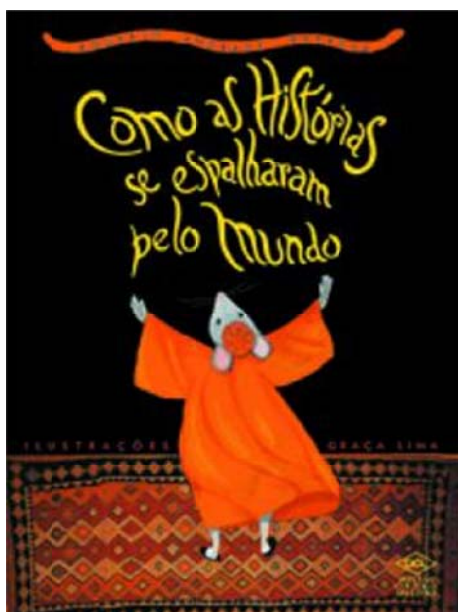
Utilização: Biblioteca Camila Cerqueira Cesar, Rubens Borba Alves de Moraes- emprestado

Utilização: os demais- Disponíveis

A história que se passa no Quênia fala sobre colaboração, solidariedade e amizade. Ao sair com a mãe para comprar ingredientes para fazer panquecas (vikaimati), o menino convida amigos vai encontrando pelo caminho. A mãe fica preocupada, pois não tem como fazer panquecas suficientes para todos, já que possui apenas algumas moedas. Mas, para surpresa dela, é a ideia de colaboração que prevalece e possibilita um almoço mais do que suficiente para todos. O livro traz um mapa situando o Quênia e mostra algumas de suas principais características. Mostra também como é um dia-a-dia no Quênia, alguns animais e plantas e umas palavras em kiswahili, uma das línguas locais. Ao final, uma receita de panqueca.

O livro é, portanto, rico em diferentes aspectos. Além da narrativa que costuma encantar e envolver crianças e adultos, seus complementos nos permitem ao leitor, situar-se um pouco mais.

12. COMO AS HISTÓRIAS DE ESPALHARAM PELO MUNDO



Um ratinho curioso e inteligente se escondia em muitos lugares para ouvir histórias dos povos da África. Numa viagem mágica, Rogério Andrade Barbosa e Graça Lima nos transportam ao continente africano, com suas múltiplas faces, cores, cheiros, sons, gestos e formas.

Um ratinho curioso e inteligente se escondia em muitos lugares para ouvir histórias dos povos da África. Numa viagem mágica, Rogério Andrade Barbosa e Graça Lima nos transportam ao continente africano, com suas múltiplas faces, cores, cheiros, sons, gestos e formas.

Título: Como as Histórias de espalharam pelo mundo

Local: São Paulo – SP/ Difusão Cultural do Livro

Autor: Barbosa, Rogério Andrade

Ilustrador: Lima, Graça

Assunto: Literatura Infanto-juvenil

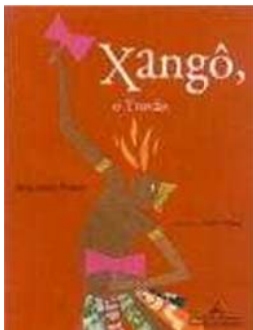
Biblioteca: Arnaldo Magalhães de Viacom, Adelfa Figueiredo, Affonso Taunay, Alceu Amoroso Lima, Alvares de Azevedo, Álvaro Guerra, Anne Frank, Belmonte, Brito Broca, Camila Cerqueira Cesar, Castro Alves, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cora Coralina, Chácara do Castelo, Erico Verissimo, Gilberto Freyre, Hans Christian Andersen, Helena Silveira, Jamil Almansur Haddad, José Mauro de Vasconcelos, José Paulo Paes, Jovina Rocha Alvares Pessoa, Lenyra Fraccaroli, Malba Tahan, Marcos Rey, Menotti Del Picchia, Milton Santos, Monteiro Lobato, Paulo Duarte, Pe. José de Anchieta, Narbal Fontes, Paulo Sergio Duarte Millet, Paulo Setúbal, Raul Bopp, Ricardo Ramos, Roberto Santos, Rubens Borba Alves de Moraes, Sergio Buarque de Holanda, Sylvia Orthof, Thales Castanho de Andrade, Vicente Paulo Guimarães, Vinicius de Moraes, Viriato Corrêa, Zalina Rolim; Ponto de Leitura: André Vital, Carolina de Jesus, Galeria Olido, Graciliano Ramos, Jardim Iapenna, Juscelino Kubitschek, Parque do Rodeio, Praça do Bambuzal, União dos Moradores do Parque Anhangüera, Vila Mara, Ônibus Biblioteca.

Céu: Butantã, Campo Limpo, Cidade Dutra, Jambuí, Navegantes, Pera Marmelo, Perus, Rosa da China, São Rafael, Vila Atlântica, Clarice Lispector, Pe. José de Anchieta, São Matheus, Três Lagos, Vila Atlântica,

Utilização: Céu Campo Limpo- Emprestados

Utilização: Os demais: Disponíveis

13.XANGÔ O TROVÃO



Em tempos imemoriais, na África negra, um poderoso rei chamado Xangô tinha a habilidade de botar fogo pela boca. Ao exercitar esse poder para usar na guerra, acabou provocando uma tragédia para si próprio e seu povo. Mais tarde Xangô foi transformado numa divindade, num orixá. Essa e outras histórias fazem parte de 'Xangô, o trovão', uma continuação da saga dos orixás, os deuses africanos que foram trazidos para o Brasil pelos escravos negros, apresentada no livro 'Ifá, o adivinho'.

Título: Xangô, o Trovão: outras histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os orixás.

Local: São Paulo-SP/Companhia das Letrinhas

Autor: Prandi, Reginaldo

Ilustrador: Rafael, Pedro

Assunto: Literatura Infanto-juvenil

Biblioteca: Adelpha Figueiredo, Affonso Taunay, Alvares de Azevedo, Álvaro Guerra, Prof. Arnaldo Magalhães de Giacomo, Belmonte, Camila Cerqueira Cesar, Cassiano Ricardo, Castro Alves, Cecília Meireles, Sergio Milliet, Chácara do Castelo, Clarice Lispector, Cora Coralina, Erico Verissimo, Gilberto Freyre, Hans Christian Andersen, Helena Silveira, Jamil Almansur Haddad, Pe. José de Anchieta, José Mauro de Vasconcelos, José Paulo Paes, Jovina Rocha Alvares Pessoa, Lenyra Fraccaroli, Menotti Del Picchia, Malba Tahan, Milton Santos, Monteiro Lobato, Paulo Duarte, Paulo Sergio Duarte Milliet, Paulo Setúbal, Paulo Bopp, Ricardo Ramos, Rubens Borba Alves de Moraes, Sylvia Orthof, Thales Castanho de Andrade, Vicente Paulo Guimarães, Vinicius de Moraes, Viriato Corrêa, Marcos Rey, Milton Santos, Monteiro Lobato, Zalina Rolim.

Céu: Alvarenga, Aricanduva, Azul da Cor do Mar, Butantã, Campo Limpo, Casa Blanca, Cidade Dutra, Feitiço da Vila, Inácio Monteiro, Jambeiro, Lajeado, Meninos, Navegantes, Parque São Carlos, Parque Veredas, Paz, Pera Marmelo, Perus, Rosa da China, São Mateus, São Rafael, Sapopemba, Três Lagos, Três Pontes, Vila Atlântica, Vila Curuçá, Vila Rubi,

Utilização: Disponíveis

14. BRUNA E A GALINHA D'ANGOLA

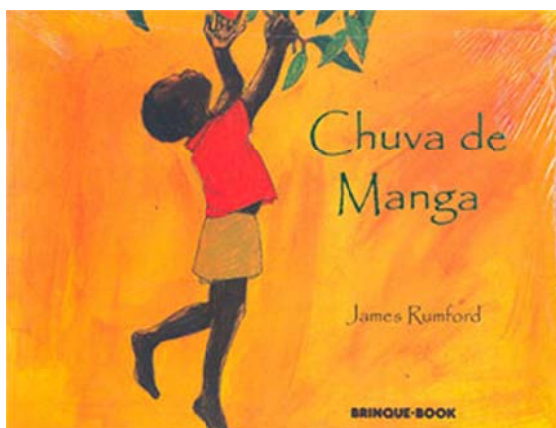


Título: Bruna e a Galinha D'Angola
 Local: Rio de Janeiro –RJ/Pallas
 Autor: Almeida, Gercilga S. de
 Ilustrador: Saraiva, Valéria
 Assunto: Literatura Infanto-Juvenil
 Biblioteca: Cora Coralina, Monteiro
 Lobato, Paulo Duarte, Belmonte,
 Céu: Não especificado
 Utilização: Biblioteca Belmonte- Emprestado
 Utilização: Os demais Disponível

Bruna era uma menina que se sentia muito sozinha. Sua avó veio da África e sempre lhe contava histórias. Uma que ela gostava muito era a do pano da galinha que sua avó trouxera da África. “Conta a lenda de uma aldeia africana que Ósún era uma menina que se sentia só e para lhe fazer companhia resolveu criar o que ela chamava de " o seu povo”. Foi assim que surgiu Conquém, a galinha d’Angola. Bruna então pediu a seu tio que era um bom oleiro, que lhe ensinasse a trabalhar com barro. Bruna então modelou na argila a galinha d’Angola e passou a brincar com ela. No dia de seu aniversário, sua avó lhe deu uma galinha d’Angola de verdade que andava e gritava:

- Conquém! Conquém!

15. CHUVA DE MANGA



Título: Chuva de Manga
 Local: São Paulo - SP/Brinque Book
 Autor: Runford, James
 Ilustrador:
 Assunto: Literatura Infanta Juvenil
 Biblioteca: Cora Coralina, Centro Cultural São Paulo Adelpha Figueiredo, Affonso Taunay, Alceu Amoroso Lima, Alvares de Azevedo, Álvaro Guerra, Anne Frank, Prof.

O Chade é um país que fica lá longe, no centro do continente africano. Seu povo vive uma realidade diferente e, ao mesmo tempo, próxima do nosso coração brasileiro. Há terras secas e alguns momentos de fertilidade, no solo árido — uma bênção da água que cai do céu. A leitura aproxima os povos. Por meio do dia a dia do menino Tomás, os leitores poderão imaginar o que é esperar pela chuva, fazer um carrinho de lata e apreciar os frutos da terra generosa, que nos oferece a alegria de saborear e cheirar uma manga dourada. A felicidade de um povo que tem tão pouco e valoriza tudo é uma lição de vida para todos. Agradável e poético, Chuva de Manga é, sobretudo, original.

Arnaldo Magalhães de Giacomo, Belmonte, Brito Broca, Camila Cerqueira Cesar, Castro Alves, Cecilia Meirelles, Chácara do Castelo, Clarice Lispector, Cora Coralina, Erico Verissimo, Gilberto Freyre, Hans Christian Andersen, Helena Silveira, Jamil Almansur Haddad, Pe. José de Anchieta, José Mauro de Vasconcelos, José Paulo Paes, Jovina Rocha Álvares Pessoa, Lenyra Fraccaroli, Malba Tahan, Marcos Reis, Menotti Del Picchia, Milton Santos, Monteiro Lobato, Narbal Fontes, Paulo Duarte, Ônibus Biblioteca; Paulo Sergio Duarte Milliet, Paulo Setúbal, Raul Bopp, Ricardo Ramos, Rubens Borba Alves de Moraes, Sergio Buarque de Holanda, Sylvia Orthof, Thales Castanho de Andrade, Vicente Paulo Guimarães, Vinicius de Moraes, Viriato Correa, Zalina Rolim

Ponto de Leitura: Butantã, São Mateus, Piqueri, Tide Setúbal. André Vital, Carolina de Jesus, galeria olido, Graciliano Ramos, Jardim Lapenna, Juscelino Kubitschek, Parque do Rodeio, Praça do Bambuzal, União dos Moradores do Parque Anhanguera, Vila Mara.

Céu: Céu Alvarenga; Céu Campo Limpo, Parque Bristol.

Utilização: Narbal Fontes, Paulo Duarte- emprestados

Utilização: os demais disponíveis.

